



JORDANA ALVES ARAUJO
PETERSON BORGES DO NASCIMENTO SCHAQUETTI

A família de Bia: uma experiência interativa para crianças

Goiânia, GO

2018

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO DIGITAL DE MONOGRAFIA DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BACHARELADO EM DESIGN GRÁFICO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL – RI/UFG

Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso

Autor(es): Jordana Alves Araujo, Peterson Borges do Nascimento Schaquetti	
E-mail: jordanaalvesaraujo@gmail.com, Peterson.schaquetti@gmail.com	
O(s) e-mail(s) pode(m) ser disponibilizado(s) na página? (X) Sim () Não	
Título do trabalho: A família de Bia: uma experiência interativa para crianças	
Palavras-chave: Livro ilustrado infantil. Homoparentalidade. Design de experiência.	
Título em outra língua: <i>Bia's Family: An interactive experience for children.</i>	
Palavras-chave em outra língua: <i>Illustrated Children's Book. Homoparentality. User experience.</i>	
Data da defesa: 07/12/2018	Curso: Bacharelado em Design Gráfico
Orientador (a): Wagner Bandeira da Silva	

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O referido autor:

- a) Declara que o documento em questão é seu trabalho original, e que detém prerrogativa de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.
- b) Se o documento em questão contém material que não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à Universidade Federal de Goiás os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento em questão.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Na qualidade de titular dos direitos do autor do conteúdo supracitado, autorizo a Biblioteca Central da Universidade Federal de Goiás a disponibilizar a obra, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional - RI/UFG, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data, sob as seguintes condições:

Permitir uso comercial de sua obra? () Sim (X) Não

Permitir modificações em sua obra?

() Sim

() Sim, contanto que outros compartilhem pela mesma licença .

(X) Não

A obra continua protegida por Direito Autoral e/ou por outras leis aplicáveis. Qualquer uso da obra que não o autorizado sob esta licença ou pela legislação autoral é proibido.

Goiânia, 14 de dezembro de 2018.

Jordana Alves Araujo
Jordana Alves Araujo

Peterson Borges do N. Schaquetti
Peterson Borges do Nascimento Schaquetti

JORDANA ALVES ARAUJO
PETERSON BORGES DO NASCIMENTO SCHAQUETTI

A FAMÍLIA DE BIA: UMA EXPERIÊNCIA INTERATIVA PARA CRIANÇAS

Monografia apresentada ao Curso de Design Gráfico, da Universidade Federal de Goiás (UFG), como pré-requisito para obtenção do Título de Bacharel em Design Gráfico.

Orientador: Prof. Dr. Wagner Bandeira da
Silva

Goiânia, GO
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Alves Araujo, Jordana

A família de Bia: Uma experiência interativa para crianças
[manuscrito] / Jordana Alves Araujo, Peterson Borges do Nascimento
Schaquetti. - 2018.

LXIX, 69 f.: il.

Orientador: Prof. Wagner Bandeira da Silva; co-orientador Wolney
Fernandes de Oliveira; co-orientador Nicolás Andres Gualtieri.
Trabalho Final de Curso (Especialização) - Universidade Federal de
Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Design Gráfico, Goiânia,
2018.

Bibliografia. Anexos.
Inclui lista de figuras.

1. Livro ilustrado infantil. 2. Homoparentalidade. 3. Design de
experiência. I. Borges do Nascimento Schaquetti, Peterson. II.
Bandeira da Silva, Wagner , orient. III. Fernandes de Oliveira,
Wolney , co-orient. IV. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
BACHARELADO EM DESIGN GRÁFICO**

AUTOR(ES)


Jordana Alves Araujo
Peterson Borges do Nascimento Schaquetti

TÍTULO DO TRABALHO


A família de Bia - Uma experiência interativa para crianças

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Design Gráfico da Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG).


Defendido e aprovado publicamente em 07 de dezembro de 2018, pelos seguintes membros da banca:



Wagner Bandeira da Silva – Orientador (a)
Universidade Federal de Goiás



Wolney Fernandes de Oliveira – Avaliador (a)
Universidade Federal de Goiás



Nicolás Andres Gualtieri – Avaliador (a)
Universidade Federal de Goiás

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais que me ajudaram a chegar até aqui, aos meus amigos e em especial a minha companheira de trabalho Jordana Alves, por ter se dedicado tanto a construir esse projeto comigo, ao professor Wagner Bandeira por ter nos norteado nessa jornada.

Peterson Schaquetti

Às minhas duas mães, que me ensinaram que a concepção de família vai muito além de laços sanguíneos ou moldes sociais, que caminharam e tiveram paciência comigo durante todo esse tempo de graduação. Ao meu irmão, que mesmo longe sempre se fez presente. A todos os meus amigos que me deram apoio e suporte durante essa jornada, principalmente ao meu parceiro Peterson, que se entregou e se dedicou comigo na criação desse projeto. E enfim ao nosso orientador Wagner, que nos deu todo o suporte e apoio necessário para que esse trabalho se tornasse realidade.

Jordana Alves

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo incentivar a interação da criança com o livro ilustrado infantil através de estudos de experiência do usuário e discutir a relação entre sociedade e as diferentes concepções de família para crianças com foco na homoparentalidade e em como a sociedade compreende o assunto. A principal motivação para a criação deste trabalho é a carência de materiais gráficos que abordem o tema de uma forma interativa e pregnante para crianças. O intuito é, então, preencher essa lacuna ao pensar em um livro ilustrado infantil que aborde o tema de uma forma divertida e interativa e que, além disso, se preocupe com todo o processo de experiência do usuário. Para atingir esse objetivo, foram feitos estudos de metodologia de projeto, homoparentalidade, design de experiência e tecnologias gráficas. O produto final é um livro infantil ilustrado e interativo estudado na perspectiva da experiência com crianças, fazendo com que o produto desperte sentimentos de diversão e empatia no usuário.

Palavras-chave: Livro ilustrado infantil. Homoparentalidade. Design de experiência.

ABSTRACT

This graduation final project aims to encourage the child's interaction with children's illustrated book through user experience studies and discuss the relationship between society and the different conceptions of family for children focused on homoparentality and how society understands the subject. The main motivation for the creation of this work is the lack of graphic materials that approach the theme in an interactive and pregnant way for children. The intention is then to fill that gap by thinking of a children's picture book that addresses the theme in fun and interactive way, and that is also concerned with the entire user experience process. To achieve this goal, studies were made of design methodology, homoparentality, experience design and graphic technologies. The final product is an illustrated and interactive children's book from the perspective of the experience with children, causing the product to arouse feelings of fun and empathy in the user.

Keywords: Children book illustration. Homoparentality. User experience.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Diagrama da metodologia	16
Figura 2 - Mapa de jornada 1	27
Figura 3 - Mapa de jornada 2	28
Figura 4 - Mapa de jornada 3	29
Figura 5 - Livro Diversidade, Tatiana Belinky, 2013	39
Figura 6 - Olívia tem dois papais, Márcia Leite, 2010.....	41
Figura 7 - Parque de Diversões em Pijamarama, Michael Leblond, 2014	43
Figura 8 - Meus dois pais, Walcyr Carrasco, 2010	44
Figura 9 - O livro com um buraco, Hever Tullet, 2014	46
Figura 10 - Páginas do livro Molly's Family	48
Figura 11- Fonte tipográfica Bw James Regular.....	53
Figura 12 - Fonte tipográfica Kindergarte Medium.....	54
Figura 13 - Fonte tipográfica Ashial Regular	54
Figura 14 - Paleta cromática de ilustrações.....	57
Figura 15 - Painel de referências técnicas.....	58
Figura 16 - Exemplos dos rascunhos de desenvolvimento dos personagens	59
Figura 17 - Exemplos dos rascunhos de desenvolvimento dos personagens e cenário	60
Figura 18 - Exemplos de desenvolvimento dos personagens finais 1	60
Figura 19 - Exemplos de desenvolvimento dos personagens finais 2	61
Figura 20 - Exemplos de desenvolvimento dos personagens secundários finalizados 3.....	61
Figura 21 - Captura de tela imposição de páginas	62
Figura 22 - Páginas espelhadas do livro.....	63

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
1.1	Objetivos	14
1.1.1	<i>Objetivo geral</i>	14
1.1.2	<i>Objetivos específicos</i>	14
1.2	Metodologia	15
2	DESENVOLVENDO O CONTEÚDO	19
2.1	Conhecendo o usuário.....	19
2.2	A escolha da narrativa	21
3	A EXPERIÊNCIA	22
3.1	O design da experiência	22
3.2	A relação da criança no processo de aprendizagem	23
3.3	Tomada de decisão	24
3.4	O mapa de Jornada	25
4	ANÁLISE DE SIMILARES	31
4.1	Formato	31
4.2	Interatividade	32
4.3	Papel	33
4.4	Folha de guarda e folha de rosto	35
4.5	Capa.....	35
4.6	Diagramação	35
4.7	Encadernação	36
4.8	Ergonomia.....	37
4.9	Cores	37
4.10	Ilustração	38
4.11	Escolha dos similares.....	38
4.12	Análise de personagens no livro Molly´s Family.....	48
4.12.1	<i>Ilustração e construção de personagens</i>	48
4.12.2	<i>Cores</i>	49
4.12.3	<i>Relação entre texto e imagem</i>	50
4.12.4	<i>Conclusão de análise dos personagens de Molly's Family</i>	50

5 CONCLUSÃO DA ANÁLISE DE SIMILARES E DESENVOLVIMENTO DO PROJETO	51
5.1 Formato	51
5.2 Interatividade	51
5.3 Papel.....	52
5.4 Tipografia	53
5.4.1 Fontes secundárias	53
5.5 Folha de guarda e Folha de rosto	55
5.6 Capa.....	55
5.7 Diagramação	55
5.8 Encadernação	55
5.9 Ergonomia.....	55
5.10 Cores e ilustração	56
5.11 Painel Semântico.....	57
5.12 Rascunho.....	58
5.13 Técnica e Construção do Protótipo.....	61
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
REFERÊNCIAS.....	65

1 INTRODUÇÃO

No conceito ocidental e heteronormativo de sociedade, a homossexualidade vem sendo considerada sinônimo de anomalia, de algo errado por não seguir um certo padrão pré-estabelecido a fim de normatizar condutas sexuais. No Brasil, esse pensamento é carregado de ódio e moralismo e acarreta comportamentos desrespeitosos, desumanos e violentos contra a comunidade LGBTQI.

Ao longo dos anos, muitas vezes a homossexualidade foi definida como uma patologia ou até mesmo como uma perversão. No entanto, deve-se observar que à ideia de homossexualidade concerne um termo que não designa uma realidade em si, mas algo que foi socialmente construído e é fruto de um discurso moral da modernidade. (SOUZA; PEREIRA, 2013).

Definir as orientações sexuais e identidades de gênero pode ser uma tarefa complicada devido a sua pluralidade e multiplicidade de siglas. Atualmente, a sigla LGBT - que caracteriza Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros - é utilizada pelo movimento social brasileiro e por entidades governamentais.¹ Porém, uma sigla que vêm crescendo dentro dos movimentos sociais é a LGBTQI, que engloba pessoas Intersexo² e a perspectiva dos estudos Queer³. Portanto, a escolha de utilizar a sigla LGBTQI neste trabalho foi feita na busca de uma maior abrangência e inclusão.

Para uma melhor compreensão do tema, torna-se necessário entender o que é a homofobia e a forma com que a mesma é construída e moldada na mente do ser humano. Koehler (2013, p.134) define a homofobia como:

Rejeição, aversão, medo ou ódio irracional aos homossexuais e, por extensão, a todos os que manifestem orientação sexual ou identidade de gênero diferente dos padrões heterossexuais ainda aceitos como normativos na nossa sociedade. Nesse sentido, comportamentos homofóbicos variam desde a violência física da agressão e da violência fatal, isto é, o assassinato, até a violência simbólica e/ou psicológica nos atos de xingar, ridicularizar, apelidar,

¹ < <https://www.significados.com.br/lgbt/> >.

² “**Intersexo** é um termo utilizado para um grupo de variações congênitas de anatomia sexual ou reprodutiva que não se encaixam perfeitamente nas definições tradicionais de “sexo masculino” ou “sexo feminino”. Fonte: <<https://orientando.org/o-que-e-intersexo/>>.

³ “**Gênero Queer** (ou genderqueer) é um termo que pode ser utilizado para descrever aquelas pessoas com gêneros não-normativos.” Ler mais em: <<https://we.riseup.net/assets/138108/O%20que%20%C3%A9%20g%C3%AAnero%20queer.pdf>>.

excluir do grupo ou até mesmo afirmar que não gostaria de conviver/frequentar qualquer espaço com uma pessoa homossexual.

A homofobia pode ser caracterizada então, como o ódio ou aversão por pessoas que apresentam qualquer desvio do comportamento heteronormativo. No entanto, é preciso compreender de que formas e desde quando essa aversão passou a acontecer e a interferir na maneira de pensar e na conduta da sociedade em geral.

Daniel Borrillo (2010, p. 43) explica esse fenômeno na história e mostra o quando e o porquê se deu a não-aceitação do desvio da heteronormatividade.

Os elementos precursores de uma hostilidade contra lésbicas e gays emanam da tradição judaico-cristã. Para o pensamento pagão, a sexualidade entre pessoas do mesmo sexo era considerada um elemento constitutivo, até mesmo indispensável, da vida do indivíduo (sobretudo, masculino). Por sua vez, o cristianismo, ao acentuar a hostilidade da Lei judaica, começou por situar os atos homossexuais - e, em seguida, as pessoas que os cometem - não só fora da Salvação, mas também e, sobretudo, à margem da Natureza.

É possível entender e ver que desde o surgimento dessa ideia secular, esse tipo de pensamento permaneceu enraizado no imaginário geral em relação ao conceito de sociedade. O pensamento contrário, o de aceitação da diversidade, vem lentamente sendo trabalhado e tomando força, apesar de, no Brasil haver muita resistência e tentativas de silenciamento e apagamento vindo do outro lado em relação às multiplicidades do nosso País, onde, além dos grandes índices de violência e hostilidade, ainda sofre a ameaça de perda dos direitos tardiamente conquistados.

O Brasil é o país que mais mata LGBTQIs no mundo. Segundo dados do Grupo Gay da Bahia (GGB), (Relatório GGB, 2017) organização não governamental que defende os direitos dos LGBTQI no Brasil desde 1980, a cada aproximadamente 20 horas um LGBTQI é morto de forma violenta por motivação homofóbica no Brasil.

Além dos altos índices de violência, a comunidade LGBTQI enfrenta muitos outros problemas no dia a dia, como o preconceito, a falta de igualdade de direitos fundamentais, a falta de reconhecimento da sociedade em relação à diversidade - que sempre existiu no mundo inteiro - a violência verbal e até mesmo tentativas de curar o incurável.

Em maio de 2011, o STF (Supremo Tribunal Federal) reconheceu a legalidade da união estável entre pessoas do mesmo sexo no Brasil. Em 2013, tornou-se permitido que pessoas do mesmo sexo se casem, após a edição da Resolução nº 175/2013, pelo Conselho Nacional de Justiça, que não permite com que cartórios se recusem a realizar o casamento de pessoas do mesmo sexo.

Mesmo que tardio, ambos podem ser considerados um grande avanço para a igualdade de gênero no Brasil, mas que é visto também de forma polêmica pelas pessoas que acreditam na heteronormatividade e que reconhecem apenas um tipo de família possível. O que, portanto, não impede homossexuais de passarem, ainda hoje por diferentes tipos de violência.

Dentro de toda a problemática acerca da homofobia e da comunidade LGBTQI em geral, existem vertentes que pautam diferentes assuntos focados em suas necessidades. Após entendermos quais vertentes e quais necessidades são essas, encontramos a necessidade de abordar a invisibilidade lésbica dentro do meio LGBTQI.

Borillo (2010, p. 29-30) explica que as lésbicas foram visivelmente menos perseguidas pela sociedade que os gays, mas que de forma alguma isso indica uma maior tolerância ou respeito às mulheres. Muito pelo contrário, a mulher lésbica é mais “aceita” pela sociedade por uma questão meramente machista e misógina:

Se as lésbicas foram, visivelmente, menos perseguidas que os gays, tal constatação não deve ser interpretada, de modo algum, como indício de uma maior tolerância a seu respeito; pelo contrário, essa indiferença nada mais é do que o sinal de uma atitude que manifesta um desdém muito maior, reflexo de uma misoginia que, ao transformar a sexualidade feminina em um instrumento do desejo masculino, torna impensáveis as relações erótico-afetivas entre mulheres.

As mulheres lésbicas, além das questões de homofobia, são afetadas pelo machismo, que ao mesmo tempo em que às fetichiza enquanto mulheres lésbicas, não aceitam o rompimento do padrão patriarcal que coloca sempre a mulher enquanto submissa do homem.

De fato, o que não pode ser aceita e permitida é a quebra da ordem patriarcal, a destruição do sistema da heteronormatividade compulsória, isto é, a perda do domínio dos homens sobre as mulheres. Assim, o silêncio se torna uma das estratégias utilizadas

para conjurar o medo que desperta, uma vez que denominar-se lésbica é afrontar a norma, é expor-se à agressão, é desafiar a morte no combate dos corpos disciplinados. (SWAIN, 2007 apud STREY, PIASON, JULIO, 2011, p. 116).

Compreende-se assim que as mulheres lésbicas acabam ficando à margem da sociedade, muitas vezes invisíveis no meio LGBTQI e ao mesmo tempo vítimas da violência e da desigualdade de gênero e da sociedade patriarcal. Com o intuito de amenizar essa escassez de assuntos sobre essas mulheres, percebemos que nosso livro deveria ser focado nelas. A escolha narrativa do projeto foi determinada com base nisso.

Contextualizado este assunto, também é preciso entender a carência acerca da aprendizagem infantil em relação ao tema. Encontra-se um problema relacionado à forma com que é dada a abordagem do assunto sexualidade e gênero para crianças, tanto no meio escolar quanto no ambiente familiar. Percebe-se que, apesar de importante, o assunto ainda hoje é muito pouco falado com crianças, muitas das vezes por falta de preparação dos pais e professores ou até mesmo por medo de influenciá-las a fugir das normas consideradas como o padrão.

A sexualidade é um tema que constrange muito, e mesmo os pais que procuram ser esclarecidos e bem informados sobre o assunto são surpreendidos com as manifestações de seus filhos, ficando sem saber como orientar, agir, o que permitir e o que punir; frente às dificuldades, há os que simplesmente fingem ignorar a sexualidade de seus filhos. Os aspectos referentes a essa pesquisa são: as manifestações sexuais, a importância dos pais e professores nessa fase e a aquisição das identidades sexual e de gênero. (GAVA; JARDIM, 2016).

Acreditamos que a educação é a forma mais eficaz de, gradualmente, sanar todos esses tipos de preconceitos e intolerâncias rumo a uma sociedade mais igualitária. Buscamos compreender, além da necessidade da abordagem do assunto com crianças, também como funciona esse processo tanto na escola quanto em casa e de que forma o mesmo se faz mais eficaz.

Instituições como a escola e a família têm tido papel fundamental no desempenho dos imperativos de normalizar (FOUCAULT, 1988) a forma como meninos e meninas irão se comportar sexualmente. Assim, as diversas formas de expressão da sexualidade humana têm encontrado obstáculos devido ao caráter compulsório da heterossexualidade (BUTLER, 2013) que freia outras possibilidades

concebidas como desviantes ou anormais. (COITINHO FILHO, 2017, 498-499).

O trabalho de discussão sobre diversidade sexual e de gênero com crianças nas escolas brasileiras ainda é extremamente raso e não muito falado por diversos fatores, sendo eles: o despreparo dos professores em relação ao tema, a falta de conhecimento de como começar esse tipo de abordagem e a rejeição dos pais das crianças em relação ao tema por questões de âmbito religioso e conservador.

A inquietação a respeito do quão apropriado é ensinar temas queer, gays ou lésbicos está claramente ligada ao medo de que o tema possa corromper o estudante. [...] Se a homossexualidade e a heterossexualidade são categorias do saber, e não propriedades inatas, como nós, enquanto indivíduos, aprendemos a nos perceber desse modo? (SPARGO, 2017).

Existem ainda assim, algumas problemáticas acerca dos livros que abordam o tema para crianças. Sendo elas: a existência de materiais que abordam o tema, mas que não possuem uma proposta efetiva de design; ou até mesmo a abordagem do tema de uma forma problemática. Porto e Grazioli ressaltam as dificuldades de abordagem tanto dos pais quanto da escola em relação à temas espinhosos como a sexualidade e a homossexualidade na infância:

Contar a história de amor entre duas princesas é para muitos pais e profissionais da educação um incentivo àquilo que eles tanto temem, que é lidar com a sexualidade de suas filhas e filhos, lidar também com sua própria sexualidade. É preciso então negar a existência do lesbianismo, suprimir a literatura infantil que toque em qualquer possibilidade de compreensão e comunicação com os próprios sentimentos e ressentimentos, com as próprias emoções, com o desamparo, o abandono, a perda, a morte, o abuso sexual, o suicídio. Todos esses assuntos são deixados à margem propositalmente, excluídos de qualquer debate, excluídos do diálogo. Preferem o lago silencioso e silenciado dos inocentes e esquecem que a superfície traz nela muito do fundo, do pró-fundo. (PORTO; GRAZIOLI, 2017, p. 43).

Além disso, as autoras problematizam a forma com que o assunto é introduzido em livros que já o abordam, que podem ser consideradas formas tímidas, como se o assunto pedisse licença para entrar, como se não fosse algo natural, e também a falta de incentivo das editoras em histórias que tratam o tema.

Mesmo com todos os problemas anteriormente apresentados, no campo de pesquisa feito para a criação desse projeto não foram encontradas narrativas que tratassem do tema de uma forma que se preocupasse com os sentimentos e experiências do usuário ou qualquer outra interação que pudesse atrair de forma positiva e mais intensa a atenção da criança. Portanto, é exatamente isso que este projeto propõe. Partindo de todo problema da diversidade sexual no ambiente social contemporâneo e das abordagens já existentes que carecem por livros que despertem mais interesse da criança pelo livro infantil, surge a ideia de discutir a concepção de família e a multiplicidade de formas de viver e de ser.

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivo geral

Desenvolver o projeto editorial e ilustrações para um livro infantil, abordando o tema da homoparentalidade⁴, fazendo com que a experiência da criança seja explorada de forma mais rica através do design de experiência, das tecnologias gráficas e interações como exploração tátil, apreciação, leitura e interações diretas.

1.1.2 Objetivos específicos

- Desenvolver estudos sobre experiência do usuário focados na experiência da criança.
- Compreender em qual contexto familiar a necessidade deste tipo de livro se torna mais evidente.
- Propor uma discussão social sobre a homoparentalidade e a criação de crianças nesse contexto.
- Entender a necessidade do público em relação ao tema proposto e aos recursos gráficos com recortes estabelecidos.

⁴ Pode-se entender a homoparentalidade, como uma forma de parentalidade, exercida por uma pessoa ou um casal que se reconhece homossexual e que resolvem ser pais/mães (Grossi, Uziel & Mello, 2007). O termo surgiu do francês homoparentalité, criado em 1997 pela Association des Parents et Futurs Parents Gays et lesbiennes – APGL (Roudinesco, 2003), para destacar a especificidade do exercício parental, marcado pela orientação sexual dos pais. (SILVA; SOUSA; FERNANDES-ELOI, 2017).

- Compreender como é o trabalho de discussão sobre diversidade sexual com crianças.
- Desenvolver um projeto editorial que proporcione à criança uma experiência rica em aprendizagem.

1.2 Metodologia

Para o desenvolvimento do livro ilustrado escolhemos a metodologia apresentada por Bruno Munari do livro *Das coisas nascem coisas* (1981). Essa metodologia é dividida em doze etapas: **problema, definição do problema, componentes do problema, coleta de dados, análise de dados, criatividade, materiais e tecnologias, experimentação, modelo, verificação, desenho de construção e solução**. Logo no início Munari explica que essa metodologia serve tanto para grandes problemas quanto para pequenos e que ao aprender a resolver problemas pequenos também pode-se resolver problemas maiores. Munari também esclarece:

O método projetual para o designer não é nada de absoluto nem definitivo; é algo que se pode modificar se se encontrarem outros valores objetivos que melhorem o processo. E isso liga-se à criatividade do projetista que, ao aplicar o método, pode descobrir algo para o melhorar. Portanto, as regras do método não bloqueiam a personalidade do projetista, mas, pelo contrário, estimulam-no a descobrir coisas que, eventualmente, poderão ser úteis aos outros. (MUNARI, 1981, p. 21-22).

Figura 1 - Diagrama da metodologia



Fonte: MUNARI (1981).

Portanto, ao seguir as etapas dessa metodologia levaremos esse fator em consideração. A primeira etapa é a “definição do problema”. O início do projeto só é possível com a existência de um problema a ser resolvido, no nosso caso definimos o problema assim: “como abordar a relação homoparental com crianças proporcionando a elas uma experiência mais rica através de um livro ilustrado infantil?”.

A segunda etapa “definição do problema” consiste em dividir todos os problemas e seus componentes, segundo Munari isso facilita a evidenciar os pequenos problemas singulares que se ocultam nos subproblemas. Nesta etapa

definimos tanto o problema visual que tange os aspectos gráficos do livro quanto o problema experiencial da criança com o livro ilustrado infantil.

A “coleta” e “análise de dados” são as etapas onde busca-se informações a respeito do nosso projeto a fim de fornecer ideias diferentes das ideias já existentes, ampliando o olhar para diferentes materiais e custos e sistematizando esses dados técnicos.

Após a definição do problema, dos componentes do problema e da coleta e análise de dados partimos para a etapa da “criatividade”, com o intuito de fugir de ideias óbvias.

Enquanto a ideia, ligada à fantasia, pode chegar a propor soluções irrealizáveis por razões técnicas, materiais ou econômicas, a criatividade mantém-se nos limites do problema, limites que resultam de análise dos dados e dos subproblemas. (MUNARI, 1981, p.54).

Em “materiais e tecnologias”, a sexta etapa da metodologia irá nos nortear trazendo soluções possíveis, através de estudos que realizaremos a fim de entender qual a solução se adequa melhor no nosso projeto, é nessa etapa que descobrimos se o que idealizamos na etapa anterior será possível de ser executado.

Após ter compreendido quais são os materiais e tecnologia mais adequada para o nosso projeto chega a parte da “experimentação”, a fim de descobrir novas utilidades de um material ou instrumento.

Dessas experiências resultam amostras, conclusões, informações que podem levar à construção de modelos demonstrativos de novas aplicações com fins particulares. Essas novas aplicações podem destinar-se à resolução de subproblemas parciais que, por sua vez, juntamente com os outros, concorrerão para a solução global. (MUNARI, 1981, p. 50).

Na parte “modelo”, oitava etapa da metodologia iremos estabelecer ligações entre as informações recolhidas, reunir os subproblemas e começar a produzir esboços gerando assim um modelo que poderá servir como solução do problema. Na etapa de “verificação” que corresponde a nona fase da metodologia o modelo servirá também para ser apresentando para o público a fim de obter validação a respeito do mesmo, essa fase é importante pois algumas pessoas podem enxergar coisas que nós não enxergamos no produto ao longo do processo de produção do mesmo. Por conta de atrasos no cronograma foi necessário pular esta etapa da metodologia para conseguir finalizar o trabalho.

A fase de “desenho de construção” deve conter todas as informações relevantes para a confecção do protótipo como tipo de papel, tamanho, cor, tipo de impressão, tipo de encadernação, entre outros. Ao finalizarmos a última etapa da metodologia teremos então a “solução” para o problema inicial.

2 DESENVOLVENDO O CONTEÚDO

2.1 Conhecendo o usuário

Para o desenvolvimento do projeto e até mesmo para a escolha de uma narrativa adequada, é preciso entender qual é, em média a idade do nosso usuário. A pesquisa de idade foi feita com o intuito de entender quando exatamente a criança sente necessidade de entender e aprender sobre o nosso tema. Algumas crianças são tão novas que não veem problema algum em uma relação homoparental, o que significa que, com estas, esse tipo de problema não teria necessidade de ser abordado tão a fundo.

Pensando nisso, nosso ponto de partida foi a questão: afinal, quando é que as crianças começam a ter preconceito?

Um estudo de campo realizado em Berlim e publicado pela revista *Psychological Science* responde essa pergunta. Esse estudo buscou entender em qual idade a criança começa a ter favoritismos e quando começa a sentir ódio por um grupo específico, este no qual, pode ser acompanhado de atitudes preconceituosas.

Dadas às graves consequências negativas para a sociedade humana, entender e minimizar a discriminação entre grupos é um importante desafio não só para as Ciências Sociais, mas também para outros campos. De um lado, o favorecimento de um grupo em relação a outro aumenta o bem-estar absoluto deste grupo. Por outro lado, esse favoritismo diminui o bem-estar de grupos externos. (BREWER, 1999 apud BUTTELMANN, BÖHM, 2014, p. 921, tradução nossa).

Os pesquisadores reuniram crianças de diferentes idades, as separaram em grupo e as vestiram com camisetas que representavam as cores de seus grupos. Depois disso, cada criança sentou em um computador para jogar um jogo que oferecia 15 recursos “bons” e 15 recursos “ruins”. A criança tinha três opções: Colocar os recursos bons e ruins em uma marionete com a mesma roupa do seu grupo ou em outra marionete vestida com a roupa do outro grupo. Elas poderiam também colocar os itens em uma caixa e passar adiante, assim demonstrando assim, uma neutralidade em relação ao grupo oposto.

O estudo aponta que a partir dos 6 anos, a criança já começa a mostrar favorecimento e preferência ao seu grupo de pertencimento, mas muito mais movidas pelo sentimento de favoritismo ao próprio grupo que pelo ódio ao grupo oposto, e se colocando em maior porcentagem em uma situação de neutralidade. Já as crianças de 8 anos foram favoritistas ao seu grupo, mas muito mais motivadas pelo ódio ao grupo oposto.

Enquanto as crianças mais jovens foram apenas prevenidas de receber itens negativos dentro do seu grupo, as crianças mais velhas intencionalmente prejudicaram o grupo oposto, dando a maioria dos itens negativos para o grupo em vez de colocá-los na caixa neutra (ou seja, uma distribuição igualitária). Assim, concluímos que o favoritismo em grupo se desenvolve antes do ódio em grupo na ontogenia humana. Afinal, as consequências positivas para o próprio grupo constituem o fundamento de preconceito e discriminação no grupo, enquanto que as consequências para outros grupos se tornam um comportamento motivado apenas numa fase posterior do desenvolvimento humano. (BUTTELMANN; BÖHM, 2014, p.926, tradução nossa).

Com esse estudo, consideramos importante para a nossa pesquisa oferecer esse tipo de abordagem na fase onde a criança começa a ter um tipo de comportamento hostil a um grupo no qual ela não pertença, que pode ser assim considerada a raiz de um preconceito. A partir disso, o livro foi pensado e produzido para crianças a partir de 8 anos. A necessidade de se discutir diversidade sexual com as crianças é fundamental para qualquer gênero, portanto não foi estabelecido nenhum recorte para essa categoria.

Além disso, temos 4 personas: uma família que norteia todos os aspectos da experiência. Um pai, uma mãe e dois filhos, uma menina de 8 anos e um menino de 10 anos. Com esse trabalho, tentamos induzir ao máximo os sentimentos experimentados pelo usuário.

A classe social é média-alta, devido ao alto custo de fabricação do livro, tópico que será abordado posteriormente. Orienta-se que o livro seja lido em casa. O tipo de constituição familiar pode ser variado, mas para que a experiência ocorra como planejada é necessário que a família disponha de 4 membros. Não foi elegido contornos acerca de escolhas religiosas para a família que irá ler o livro, apenas requisita-se que a família esteja aberta a discutir questões de diversidade sexual com crianças.

2.2 A escolha da narrativa

A escolha narrativa se deu a partir da necessidade de abordagem do tema anteriormente citado: A invisibilidade lésbica mesmo dentro da comunidade LGBTQI. Feito todo o aparato e discussão desse assunto, parte-se então para a pesquisa de narrativas infantis já existentes para que fosse desenvolvido, em cima disso, de um projeto gráfico que proporcionasse uma experiência mais rica e abundante para o usuário.

Surgiu-se então um problema que valida e reforça o ponto da nossa abordagem. No nosso campo de pesquisa, não encontramos nem um livro infantil brasileiro que aborda a relação da homoparentalidade entre casais lésbicos. Partindo desse problema, começamos então a procurar por narrativas em inglês que abordassem o assunto e que seguisse também o recorte de faixa etária em relação à quantidade de texto.

Encontramos então um livro chamado *Molly's Family* (2004), da autora Nancy Garden, escritora estadunidense de ficção infanto-juvenil, muito conhecida pela criação de narrativas com a presença de mulheres lésbicas em suas obras.

O livro retrata a vida de Molly, que tem duas mães, e que nunca viu isso como um problema. Mas em um certo dia na escola, a professora pede para que todos organizem e enfeitem a sala de aula para o dia de visita da família na escola. Molly tem a ideia de desenhar uma família e sofre preconceito vindo de um dos colegas ao mostrar o desenho da sua família: ela, suas duas mães e sua cadelinha. Após o ocorrido, Molly fica extremamente triste e questiona suas duas mães sem entender se elas são suas mães de verdade.

A narrativa envolve todo um processo de discussão sobre o preconceito com casais homoparentais na escola e de desconstrução do pensamento habitual heteronormativo ensinado às crianças, além de retratar diferentes tipos de família e ressaltar o que é mais importante: o amor. Optamos então por traduzir essa narrativa e explorá-la em nosso trabalho.

3 A EXPERIÊNCIA

3.1 O design da experiência

Para além da criação do livro ilustrado, nosso intuito foi projetar e pensar o passo a passo de uma experiência enriquecedora para o usuário. Antes de qualquer coisa, é preciso entender o que é e como se dá uma experiência do usuário no Design.

Buccini e Padovani (2006, p. 10) explicam que quando um produto é projetado, vários fatores devem ser levados em consideração, como o modo de fabricação, o material a ser utilizado, a usabilidade, a praticidade, entre outros. Neste processo, existe um fator ainda pouco observado pelos designers: o fator experiencial, que diz respeito à sensação, emoção e/ou ao prazer que este produto pode causar ao usuário.

A experiência pode ser considerada então como os sentimentos e emoções em que o usuário sentirá durante o uso do produto projetado. Sentimentos esses que Schmitt (2000) caracteriza como fenômenos induzidos.

De acordo com Schmitt (2000, p. 74) a experiência é definida como "acontecimentos individuais que ocorrem como resposta a algum estímulo". Estes acontecimentos ocorrem, em geral, como consequência da observação ou participação em acontecimentos reais, imaginários ou virtuais. As experiências não são fenômenos espontâneos, mas induzidos. Possuem referencial (partem de algum lugar) e intencionalidade (objetivam algo). São basicamente todos os aspectos encontrados na interação do sujeito com o objeto (KUNIAVSKY, 2003).

Partindo disso, para o desenvolvimento da experiência do nosso usuário com um livro ilustrado, além da pesquisa que norteia o Design de Experiência, percebemos a necessidade de entender quais são as demandas do nosso usuário. Foram reunidas pesquisas feitas por psicólogos e pedagogos para compreender melhor como se dá a relação da criança no processo de aprendizagem e em relação ao tema específico. Com isso, chegamos a um ponto de partida de como se dá a nossa experiência.

3.2 A relação da criança no processo de aprendizagem

A compreensão sobre a forma com que a criança recebe e entende a informação torna-se necessária para uma conclusão certa da experiência. Essa pesquisa teve como intuito entender quais são as formas mais eficazes e pertinentes de abordar o assunto com as crianças, pois sabemos que, muitas das abordagens não prendem a atenção delas e muito menos permanecem em seu consciente.

Um grande problema na aprendizagem em geral, é que os alunos não são estimulados a exercer sua criatividade.

Assis (1990) afirma que os problemas de aprendizagem podem ser resultado de ambientes familiares que não estimulam a criança a estudar e acredita que um ambiente familiar com pouca influência sociolinguística pode interferir no desenvolvimento das aptidões e habilidades desempenhadas pela criança, um fator que também interfere na dificuldade de aprendizagem é a falta de materiais com conteúdos que estimulem os alunos em sala de aulas, pois estes são quase nulos. Isso faz com que a criatividade do aluno não seja estimulada e transforma a aprendizagem em um processo massante e fechado.

A atividade lúdica, o jogo, o brinquedo, a brincadeira, precisam ser melhorados, compreendidos e encontrar maior espaço para ser entendido como educação. Na medida em que os professores compreenderem toda sua capacidade potencial de contribuir no desenvolvimento infantil, grandes mudanças irão acontecer na educação e nos sujeitos que estão inseridos nesse processo. (GÓES, 2008).

Oliveira (2000) afirma que o brincar não significa apenas recrear, mas também caracteriza-se como uma das formas mais complexas que a criança tem de comunicar-se consigo mesma e com o mundo, ou seja, que o desenvolvimento acontece de trocas que se estabelecem durante toda a sua vida. Através do brincar a criança desenvolve capacidades importantes como a memória, a imitação, a imaginação, e ainda proporciona à criança o desenvolvimento de áreas da personalidade como afetividade, motricidade, inteligência, sociabilidade e criatividade.

Nesse ponto, começamos a perceber a necessidade de uma abordagem não convencional como ponto importante da aprendizagem infantil, como por exemplo, o

jogo, a brincadeira, a interatividade, o sensorial. Todos esses são elementos que auxiliam e estimulam o interesse de aprendizagem na criança.

Porto afirma que as crianças vivem um processo contínuo de descobrir suas próprias linguagens e para isso utilizam do corpo, da sexualidade e da interação com objetos. Isso ocorre devido ao grande potencial criativo de uma criança, que está vendo, descobrindo e reinventando seu próprio mundo a todo instante.

É de fundamental importância que o “brincar” faça parte desse processo, não apenas como apêndice para algum conteúdo lúdico dos livros infantis, mas como parte fundamental da aprendizagem da criança através da imaginação e da sensibilidade. Por isso não podemos apartar a criança de suas emoções diante do mundo e diante das histórias, das palavras contidas nos livros infantis. (PORTO, 2017).

A brincadeira e a interação da criança com o objeto e também com outras pessoas se torna assim, necessária para uma melhor compreensão e fixação do tema abordado. Esse será o ponto que nos norteia durante a criação tanto da experiência quanto do livro.

Ainda assim, existe uma dificuldade da abordagem mesmo dentro dos livros infantis que tratam do tema. Furlani (2017) afirma que o livro infantil quando feito para se tratar da diversidade de gêneros, ainda hoje carrega uma abordagem muito cuidadosa, tímida, muito disso pelo fato de que as pessoas tratam do assunto como se aquilo não fosse considerado algo normal, portanto, tem que pedir licença para entrar. Isso se torna um problema para a aprendizagem da criança pois as histórias são muitas vezes, por carregar tanta cautela, são perdidas e a abordagem do assunto não se torna eficaz na mente e no coração das crianças.

De fato, existem várias problemáticas acerca do assunto. O nosso intuito com essa pesquisa foi justamente entender quais são elas para sanar todas essas dificuldades. Esses pontos nortearam a criação tanto da experiência quanto do livro em si.

3.3 Tomada de decisão

Após a compreensão acerca desses assuntos, pôde-se concluir alguns pontos que nortearam a pesquisa sobre experiência do usuário. São eles:

1. A emoção começa a ser considerada um fator influenciador das decisões de consumo.
2. Vê-se como de extrema relevância a **experiência emocional (de sentimentos) e a experiência estética (relacionada aos sentidos)**.
3. A importância da brincadeira no processo de aprendizagem da criança.
4. O ponto de equilíbrio - Não devemos abordar o assunto de forma agressiva, mas também não podemos permitir que nosso livro passe despercebido na vida do leitor, assim se introduz a definição de experiência emocional e sensorial, que tem a intenção de fazer com que a criança que está lendo nosso livro não apenas o veja como um livro qualquer, mas que sinta sua história e o projeto.

3.4 O mapa de Jornada

Depois dos resultados encontrados na pesquisa e decisões tomadas, em busca de um resultado mais assertivo e de entender exatamente como se daria a nossa experiência, fizemos um mapa detalhando cada aspecto da mesma. É importante ressaltar também que esta etapa, apesar de fazer parte da Experiência do Usuário, foi desenvolvida após a análise de similares, processo que pode ser chamado de *iteração*, onde, no desenvolvimento do projeto, passa-se por uma etapa mais de uma vez, adquirindo assim o conhecimento de outras etapas. Sendo assim, a primeira etapa desse processo foi a pesquisa de experiência e a relação da criança no processo de aprendizagem. A segunda etapa foi a de análise de similares e com algumas partes da conclusão dela, foram retirados alguns aspectos para a criação do mapa de jornada, ao mesmo tempo que o processo de criação do livro foi feito seguindo o mapa de jornada.

Solomon (2002 apud SCHERMACH; MORAES, 2013, p. 244) afirma que “a perspectiva experiencial destaca a ideia de que as atitudes do usuário podem ser fortemente influenciadas por atributos extrínsecos ao produto, tais como o design.”

Sendo assim, separamos esse mapa em: Persona, expectativas, cenário, e desenvolvimento, sendo que dentro da etapa de desenvolvimento três subtópicos foram traçados: as ações, os pensamentos e um gráfico da experiência. As ações também foram divididas em três etapas de processo, com o intuito de mapear a

experiência do usuário desde o momento da compra até o momento final da leitura. São essas etapas: O primeiro contato, a compra e a leitura.

Nesta etapa definimos que o livro chegará à criança através de pais que estão abertos a abordar o tema de diversidade sexual com seus filhos.

Para o processo de compra física, o livro precisará ficar disposto de uma forma não convencional, ou seja, não deverá ficar apenas numa prateleira comum, mas sim em um mostruário que exponha o seu nome e o seu diferencial, que são as interações. Um problema encontrado com as lojas físicas é que, quando o livro está ali disposto em uma sessão infantil, a criança pode facilmente ler e usufruir toda experiência ali mesmo, dentro da loja.

A solução encontrada para esse problema nesse projeto é oferecer, ao lado da prateleira em que o livro será disposto, um painel de rosto vazado, com duas interações já oferecidas no livro. Desta forma, o livro poderá ficar lacrado na prateleira, mas mesmo assim, o usuário poderá ter uma prévia do que será o livro e da experiência, mas não poderá usufruir de todo o projeto de experiência dentro da loja.

Os fatores de custo de produção gráfica e de disposição do livro dentro da loja podem interferir no custo do livro. Devido a isso, foram feitos recortes em relação à classe social do público alvo. O livro foi pensado para pessoas de classe média alta devido ao valor do livro, que pode acabar sendo um valor alto para que a experiência ocorra como o planejado.

Para o processo de compra online, o livro deverá ser exposto em fotos acompanhadas de uma descrição detalhada sobre o tema e o tipo de interação que ele oferece. Estabelecemos também, que o contexto ideal para que a experiência aconteça é em família com variadas constituições, mas em um contexto ideal da experiência deve conter quatro membros.

Devido à abordagem da experiência em que seguiremos, este livro não será ideal para ser lido, por exemplo, antes de dormir, pois demanda uma certa atenção, energia e interesse da criança. O momento ideal para que ele seja lido é em períodos de lazer da criança, quando ela está com tempo livre e disposta para brincar e se divertir.

Para que a experiência aconteça também é de extrema importância que o livro não seja lido em versão digital, pois a interação só acontece com o livro impresso.

Figura 2 - Mapa de jornada 1

PERSONA

A criança 1



Nome: Joaquim

Bio: Joaquim é um menino que adora jogar video game e jogos de tabuleiro. Tem 10 anos e mora em Goiânia. Na escola, está fazendo o quinto ano do ensino fundamental. Além disso, participa também de aulas de Karatê junto com sua irmã Alice no tempo livre. Gosta muito de ler e também gosta quando seus pais leem para ele na hora de dormir. Seus pais valorizam muito a leitura por isso sempre o presenteiam com um livro por mês. Joaquim tem muito apreço por livros, tem uma leitura avançada, capacidade de ler e compreender grandes textos, com muito pouca dependência de ilustração.

A criança 2



Nome: Alice

Bio: Alice é uma menina muito inteligente. Tem 8 anos e mora em Goiânia. Na escola, está fazendo o terceiro ano do ensino fundamental. Além disso, participa também de aulas de Karatê no tempo livre. Nos momentos vagos gosta de assistir youtubers e desenhos animados com seus amigos, gosta de ler livros, também gosta quando seus pais leem para ela na hora de dormir. Seus pais valorizam muito a leitura por isso também sempre a presenteiam com um livro por mês. Alice tem muito apreço por livros, tem uma leitura interpretativa, capacidade de ler e compreender textos, com menor dependência da ilustração.

Os pais



Nome: Cláudia

Bio: Cláudia é a mãe de Alice. Tem 35 anos e é psicóloga. É casada com Antônio. Ela é de classe média alta. Em seu tempo livre, Claudia gosta de ler, fazer pilates e principalmente se divertir com sua família. Cláudia valoriza muito a leitura como forma de educação para sua filha e considera muito importante passar para ela valores de respeito ao próximo e empatia.



Nome: Antônio

Bio: Antônio é o pai de Alice. Tem 40 anos e é Engenheiro. É casado com Claudia. Ele é de classe média alta. No tempo livre, gosta de cozinhar, ler e levar sua filha ao parque. É um homem extremamente apaixonado pela sua família, gosta que seus filhos tenham contato com culturas diferentes e sonha com que eles cresçam em um mundo menos hostil.

EXPECTATIVAS

1. Causar uma experiência emocional (de sentimentos) através da empatia e uma experiência estética (relacionada aos sentidos) através da brincadeira e diversão; Promover uma ação continuada de interesse.
2. Ressaltar a brincadeira no processo de aprendizagem;
3. Trazer a diversão e a curiosidade como sentimento influenciador no processo de assimilação.
4. Gerar um sentimento de reflexão e afeição após a leitura do livro.

CENÁRIO

Loja, onde será vendido o produto

Casa, onde acontecerá o ápice experiência;

Sala de estar ou quarto.

Fonte: Acervo pessoal.

Figura 3 - Mapa de jornada 2

DESENVOLVIMENTO

Ações

1. O primeiro contato

Ação 1 - Os pais e as crianças chegam na livraria;

Ação 2 - Eles se direcionam para a sessão infantil da livraria;

Ação 3 - A família tem o primeiro contato com a proposta através de um painel com o rosto vazado que disponibilizará uma prévia de duas páginas do livro;

Ação 4 - A família têm o primeiro contato com o livro, que estará disposto na loja do lado do painel e apresentado de frente, pois devido ao buraco que possui, não pode ser facilmente identificado pela sua lombada. Deverá ter uma estante especial para isso.

2. A compra

Ação 1 - A família pega o livro e observa sua parte externa;

Ação 2 - A família pega o livro e leva para o caixa;

Ação 3 - A família compra o livro e o leva para casa.

3. A leitura em casa

Ação 1 - A família chega em casa e guarda o livro;

Ação 2 - A família faz uma pausa;

Ação 3 - Os pais tiram um tempo para fazer a leitura do livro com as crianças;

Ação 4 - As crianças tiram o livro da sacola e o abre;

Ação 5 - A família começa a ler o livro juntos;

Ação 6 - As crianças montam a sala de aula do livro com o Pack de adesivos

Ação 7 - As crianças desenharam sua família no livro;

Ação 8 - As crianças colocam o rosto no buraco e os pais tiram foto delas;

Ação 9 - Os pais imprimem a foto e colam no livro;

Ação 10 - As crianças desenharam uma família diferente da deles;

Ação 11 - Os pais colocam o rosto no buraco e os filhos tiram foto deles;

Ação 12 - Os pais imprimem a foto e colam no livro;

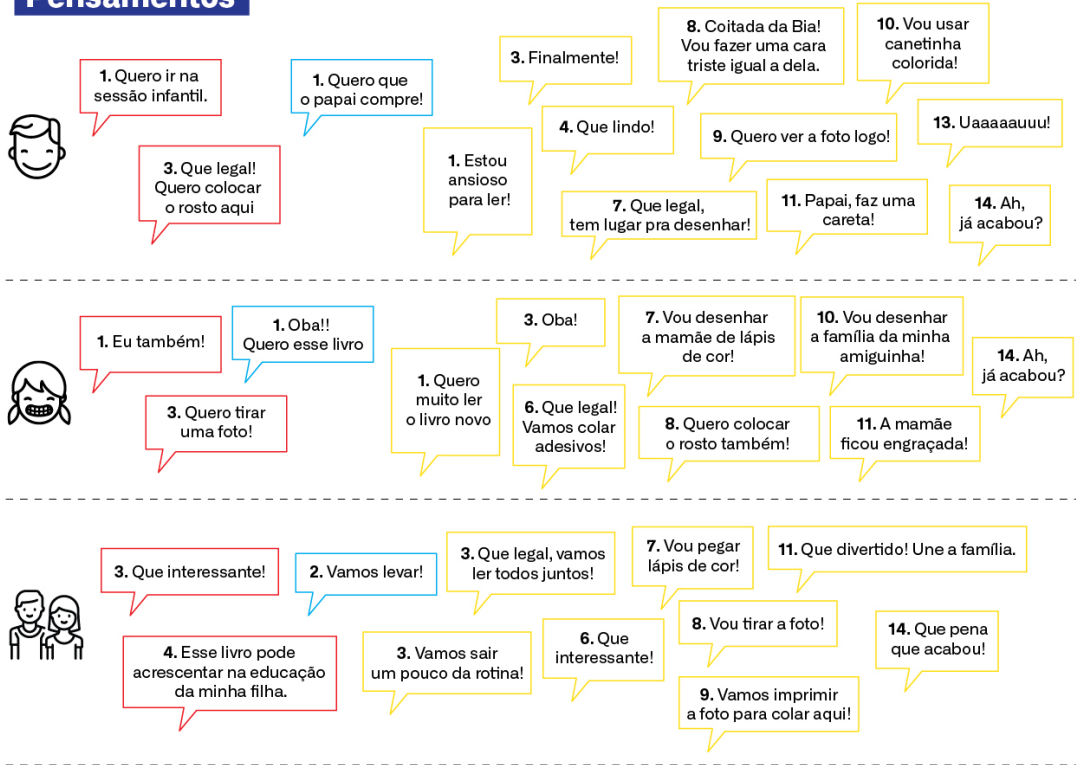
Ação 13 - As crianças se deparam com o Pop-up;

Ação 14 - A família termina de ler o livro.

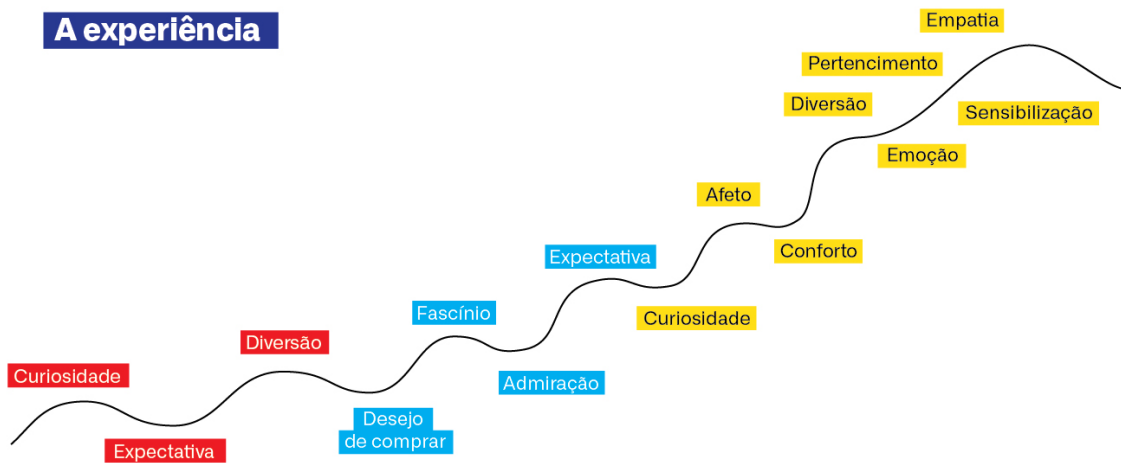
Fonte: Acervo pessoal.

Figura 4 - Mapa de jornada 3

Pensamentos



A experiência



Fonte: Acervo pessoal.

Para a definição de uma jornada de experiência de sucesso, (SCHMITT, 2000 apud BUCCINI; PADOVANI, 2006, p. 20-21) caracterizam alguns pontos importantes. São eles:

- a) Surpresa: deve ser positiva, deixar o usuário maravilhado, dando a ele mais do que ele esperava, ultrapassando a expectativa da normalidade;
- b) Interesse: depois de deixar o usuário maravilhado, é preciso despertar sua curiosidade e desafiá-lo;
- c) Provocação: neste aspecto, procura-se estimular discussões e/ou criar controvérsias, dependendo da intenção visada.

Depois das tomadas de decisões, o mapa foi traçado para entender, definir e até mesmo validar os pontos principais do projeto. O livro foi criado sempre pensando nesses parâmetros, e acreditamos que conseguimos obter um resultado favorável em relação à experiência proporcionada para o usuário.

4 ANÁLISE DE SIMILARES

A análise de similares serve para que possamos compreender alguns requisitos do nosso projeto. Para a nossa amostragem, escolhemos livros infantis com narrativas similares à nossa, para que possamos ter resultados específicos em relação ao método de abordagem da história, das ilustrações, questões de diagramação etc. Além disso, também escolhemos livros com diferentes interatividades que envolvem a brincadeira como método de aprendizagem para que possamos compreender, além desses aspectos, qual interatividade representará da melhor forma o nosso projeto editorial.

Optamos por uma amostragem com número reduzido de similares para que possamos explorar uma análise com alto grau de detalhamento, mais qualitativa e muito raramente quantitativa, além de entender melhor o nosso produto e algumas soluções já existentes no mercado.

Através de referenciais teóricos, definimos pontos a serem abordados na análise de similares por serem critérios pertinentes e relevantes para a criação do projeto e para estruturar pontos importantes em relação à experiência que queremos propor para o usuário.

4.1 Formato

Van der Linden (2011) relata que no mercado editorial infantil contemporâneo existe uma grande variedade de formatos, e que esses formatos são fatores muito importantes que determinam a expressividade do livro infantil. A autora também comenta que deve ser levado em consideração os diferentes tamanhos, e que os manuais de diagramação especificam três categorias de dimensão em função do leitor:

Livros que abertos são facilmente segurados com uma mão, como os de bolso; livros que podem ser pegos com uma mão quando fechados, mas que seguramos com as duas durante a leitura; livros que pegamos com as duas mãos e devem ser lidos com algum suporte (VAN DER LINDEN, 2011, p. 55).

Van der Linden caracteriza os livros em alguns diferentes formatos. O primeiro é chamado de “à francesa”, que é o formato vertical - mais alto que largo -

e que é também o mais comum entre os livros ilustrados. O segundo é categorizado como “à italiana” que é o formato horizontal e permite uma organização plana das imagens, favorece a forma de mostrar movimento, tempo e imagens sequenciais.

Apresenta também o formato quadrado, que possui as mesmas dimensões de base e altura enquanto fechado, e categoriza os outros como formatos irregulares.

Além disso, a autora ressalta a importância de definir qual será a relação do livro com a criança. Se o livro for, por exemplo, feito para uma criança manipula-lo sozinha, então esse livro deverá se adaptar ao tamanho da mão da criança, que é pequena, e o livro deverá ter algo em torno de 10 cm. Já se a intenção do projeto for impressionar o leitor e buscar proporcionar uma experiência imersiva, Van der Linden (2011, p. 55) afirma que o livro deve ter pelo menos uma das dimensões maior que 30 cm e que “quando se é pequeno, quanto maior o livro, mais a leitura irá parecer uma aventura.”

Vemos a necessidade de analisar a partir dessas relações do livro com o usuário, em qual categoria citada acima os nossos similares se encaixam, e, além disso, também analisar se o intuito do projeto funcionou com êxito em relação ao seu formato.

1. **À francesa**
2. **À italiana**
3. **Quadrado**
4. **Irregular**
5. **Qual a relação entre o formato e o intuito do projeto e se a escolha do formato foi ideal.**

4.2 Interatividade

Uma criança tem a capacidade de brincar com o livro e de reinventar as histórias escritas e ilustradas para si, quando esta criança crescer vai olhar para o livro da sua infância como uma boa recordação dos momentos que este lhe proporcionou. (RIBEIRO, 2011, p. 64).

Nesse ponto da análise, volta-se, basicamente ao ponto da experiência que queremos proporcionar para o nosso usuário. É necessário entender que a fase na qual a criança utilizará o livro e a memória afetiva que isso proporcionará será o ponto alto da experiência do usuário, portanto, é preciso entender também quais pontos norteiam uma interatividade que possa oferecer para a criança os tipos de

experiência que precisamos proporcionar ao público alvo, que são a experiência emocional e estética.

Portanto, com essa análise queremos buscar nos nossos similares qual é a interatividade que mais se encaixa na experiência que queremos proporcionar. Para chegarmos a uma conclusão, faremos uma **análise da relação do livro interativo com o que sua interatividade causa na criança**, definindo assim o tipo de interatividade que iremos utilizar de acordo com as emoções que queremos que a criança que lerá nosso livro sentirá.

4.3 Papel

Atualmente existe uma variedade muito grande de tipos de papéis, considerando cores, formatos, texturas e gramaturas devemos levar em consideração que cada tipo apresenta características diferentes e que podem afetar na percepção do livro ilustrado. Nessa parte da pesquisa iremos analisar o papel na criação do livro (miolo e capa) e identificar a relação do papel utilizado com a tecnologia de cada livro para entendermos qual tipo de papel se encaixa melhor nas nossas necessidades.

4. Tipografia

Muito além da legibilidade e leiturabilidade da tipografia no livro, é fundamental entender as relações entre a habilidade da criança com a tipografia apresentada no livro infantil.

Uma tipografia apropriada com as necessidades e conhecimentos dessas crianças é fundamental para que elas interajam com a história e melhor compreendam a mensagem que se quer transmitir. Numa altura que ainda são os adultos a lerem as histórias aos mais novos é importante não descurar de quem, e a quem o objecto é dirigido. (ROQUE, 2014, p. 27).

Além disso, Roque destaca alguns pontos importantes sobre a tipografia em caixa alta/baixa:

Na maioria dos teóricos em alfabetização tem sido categórica a afirmação que a melhor letra para o período da alfabetização é a

letra em caixa alta, ou seja, letra maiúscula. O processo de alfabetização inicia-se para crianças do pré-escolar muito antes de a criança entrar para a escola, quando possui contacto com o meio social, que lhe permite adquirir conhecimentos como a própria linguagem verbal, entre outros. (ROQUE, 2014, p.95).

Heitlinger (2007, p.15) afirma que a tipografia deve apresentar características adequadas para as capacidades cognitivas e motoras da idade específica. O autor afirma também (2009, p. 18) que todos os livros criados para um público que está na fase de aprendizagem da leitura devem ser compostos por apenas uma fonte.

Essa exclusividade ajuda a evitar casos de dislexia e ajuda a prender a atenção da criança.

Lourenço (2011, p. 97-99) aponta alguns fatores que devem ser considerados no momento da escolha da tipografia utilizada no livro infantil. De acordo com o autor, deve-se evitar o uso de tipografias que contenham caracteres similares quando espelhados, porque a noção de posição de uma figura não está totalmente definida ainda na cabeça da criança.

Os tipos nesses casos devem ser diferenciados com facilidade. O autor também afirma que a tipografia para crianças deve ser de fácil entendimento, limpas e com uma maior proximidade da letra caligráfica e que os tipos sem serifa se aproximam mais dessa necessidade.

A partir das pesquisas citadas anteriormente, encontra-se a necessidade de compreender de que forma os similares utilizaram a tipografia de acordo com a idade e a capacidade cognitiva do público alvo. Sendo assim, essa parte da análise busca explorar os parâmetros tipográficos que foram, e, se foram utilizados de forma adequada ou não nos livros infantis similares. Os pontos a serem analisados serão, portanto, os principais pontos citados pelos autores. São eles:

- 1. Com ou sem serifa;**
- 2. Caixa alta, baixa ou baixa e alta;**
- 3. Possui ou não caracteres que podem causar confusão no entendimento da criança quando espelhados;**
- 4. Possui ou não apenas uma fonte no corpo do texto;**
- 5. A utilização da tipografia foi adequada?**

4.4 Folha de guarda e folha de rosto

A principal função da folha de guarda do livro é unir a capa ao miolo, no livro ilustrado as folhas de guarda geralmente não se restringem apenas ao requisito funcional, mas carregam também uma finalidade estética. Van der Linden (2011) afirma que o momento da abertura da folha de guarda no livro ilustrado é um momento importante onde pode se optar por introduzir o assunto do livro, dar pistas da paleta cromática usada no miolo ou usar motivos que se repetem criando padrões.

Sabendo disso, consideramos importante uma análise da folha de guarda para saber qual é sua relação com os livros similares e suas respectivas histórias. Com isso, **queremos saber se a relação da folha de guarda indica algo da história, se é puramente estética, se dá pistas da paleta cromática ou se cria padrões** para que possamos entender qual é a forma mais adequada a ser utilizada no nosso caso.

4.5 Capa

O primeiro contato que o leitor tem com o livro acontece por meio da capa. Van der Linden (2011) observa que a capa não é só um lugar de preocupação para o marketing, mas também um espaço onde se estabelece um pacto com a leitura, é nela onde o leitor vai entender o estilo de ilustração, o gênero ou até mesmo o tipo de discurso presente no livro, determinando indicações para inserir o leitor ao conteúdo.

Levando em conta essas observações, analisaremos as capas dos livros e suas relações com o conteúdo do miolo, além das informações que geralmente são utilizadas na capa, como: título, subtítulo e autores. O objetivo é entender de que forma devemos desenvolver a capa do nosso livro.

4.6 Diagramação

Van der Linden (2011, p. 68-69) apresenta definições importantes de diagramação em um livro ilustrado. São elas:

Dissociativa:

Nesse tipo de organização, a imagem costuma ocupar aquilo que os tipógrafos chamam de "página nobre", a da direita - aquela que o olhar se detém na abertura do livro -, ao passo que o texto fica na página da esquerda.

Temos aqui uma situação de máxima separação entre textos e imagens...

Nesse tipo de livro ilustrado, o leitor passa sucessivamente da observação da imagem para a leitura do texto...

Associativa:

A diagramação mais comum, no tocante ao livro ilustrado, rompe essa dissociação entre página de texto e página de imagem, e reúne pelo menos um enunciado verbal e um enunciado visual no espaço da página. Essa diagramação "associativa" pode se apresentar de diversas maneiras.

Compartimentada:

Alguns criadores de livro ilustrado recorrem a uma diagramação próxima à da história em quadrinhos - dividem o espaço da página ou da página dupla em várias imagens emolduradas. O texto se inscreve próximo a esses quadros ou dentro de balões. A sequência de imagens pode igualmente prescindir o texto.

Conjuntiva:

Ao contrário da diagramação "dissociativa", ocorre uma organização que mescla diferentes enunciados sobre o suporte. Textos e imagens já não se encontram dispostos em espaços reservados, e sim articulados numa composição geral, na maioria das vezes realizada em página dupla.

Com essa análise entenderemos que tipo de diagramação é mais recorrente nos livros similares, além de que forma a ilustração dos nossos similares se relaciona com o texto do livro.

4.7 Encadernação

Encadernar é a “operação de juntar as folhas de um livro, costurando os cadernos e cobrindo o corpo do volume com uma capa mais grossa e sólida que a folha vulgar” (MÁRSICO, 2010, p.1), com a finalidade de protegê-lo e embelezá-lo.

Saber sobre os tipos encadernação é primordial para que um livro tenha um bom uso e também uma boa durabilidade. Por se tratar de um livro infantil, precisamos entender a relação de manuseio da criança com o tipo de encadernação para que o livro não seja facilmente desfeito e ao mesmo tempo em que não cause

desconforto para o usuário. Para isso, buscaremos em nossos similares quais tipos de encadernação foram utilizadas e se foram eficazes de acordo com o projeto.

4.8 Ergonomia

A ergonomia é definida por Wisner (1972 apud CYBIS; BETIOL; FAUST, 2015) como um conjunto de conhecimentos científicos relativos ao homem e necessários à concepção de instrumentos, máquinas e dispositivos que possam ser utilizados com o máximo de conforto e eficácia.

“Um problema de ergonomia ocorre quando um aspecto da interface está em desacordo com as características do usuário e com a maneira pela qual ele realiza sua atividade.” (CYBIS; BETIOL; FAUST, 2015, p. 242).

A análise de ergonomia buscará entender se os livros similares conseguiram gerar o maior conforto possível para o usuário através de avaliações dos mesmos nas lojas virtuais. O intuito é encontrar possíveis falhas ergonômicas para que possamos fazer de uma forma diferente sem repetir os mesmos erros, criando assim um livro que possa oferecer o maior conforto de uso possível para o usuário.

4.9 Cores

As cores e suas significâncias são um ponto importante na criação de um livro infantil. Segundo Eva Heller:

Cores e sentimentos não se combinam ao acaso nem são uma questão de gosto individual – são vivências comuns que, desde a infância, foram ficando profundamente enraizadas em nossa linguagem e em nosso pensamento. Com o auxílio do simbolismo psicológico e da tradição histórica, esclarecemos por que isso é assim. [...] Não existe cor destituída de significado. A impressão causada por cada cor é determinada por seu contexto, ou seja, pelo entrelaçamento de significados em que a percebemos. (HELLER, 2012, p. 21-23).

Sendo assim, analisaremos não só os aspectos técnicos, mas também o aspecto psicológico e semântico das cores dentro do contexto do livro ilustrado, de forma com que possamos entender qual o sentido que aquelas cores transmitem naquele contexto específico. Pretendemos entender sua função em despertar

emoções ou aguçar percepções do leitor além de entender o padrão cromático utilizado. Os objetos analisados nesse contexto então, serão:

- 1. Temperatura (quente, fria ou neutra)**
- 2. Harmonia (monocromática, triádica, análoga, complementar)**
- 3. Com ou sem contraste**
- 4. Qual a relação de significado das cores utilizadas com o contexto do livro analisado?**

4.10 Ilustração

Na produção do livro ilustrado infantil encontramos ilustradores de todos os estilos e com diferentes técnicas de ilustrações. Segundo McCloud (2004, p. 212), “um estilo geralmente designa detalhes superficiais, como a qualidade da linha, a maneira de desenhar rostos ou o uso de diálogos”. Segundo Van der Linden (2011, p. 39), “a produção da maioria dos livros ilustrados responde, em primeiro lugar, a uma preocupação plástica. Resulta daí uma profusão de estilos difíceis de enumerar, entre os quais podemos, contudo, identificar algumas tendências. ”

“O papel do ilustrador infantil é, também, o de sensibilizar o público infantil, presenteando-o através do seu universo, com exemplos que o vão ajudar a entender as pessoas e os lugares que o rodeiam.” (RIBEIRO, 2011, p. 28).

A autora categoriza alguns estilos de ilustração, tais como o tradicional, descrito com uma representação convencional, doce e harmoniosa da realidade, quase sempre com tons pastéis. Os cartunescos, que alinham expressividade do estilo caricatural; os minimalistas, os realistas, entre outros.

O intuito dessa análise é entender em qual das categorias citadas acima suas ilustrações se encaixam e também entender qual estilo de ilustração seria o mais apropriado para o nosso público.

4.11 Escolha dos similares

Para essa parte do projeto decidimos analisar cinco livros, tanto para entender melhor as soluções existentes no mercado quanto para inspirações visuais.

A análise foi feita a partir de cinco livros: Diversidade de Tatiana Belinky, Olívia tem dois papais de Márcia Leite, Parque de diversões pijamarama de Michaël Leblond, Meus dois pais de Walcyr Carrasco e O livro com um buraco de Hever Tullet, que não possuíamos em mãos, mas assistimos um *review* de um leitor contando suas experiências e mostrando como o livro funcionava. A escolha dos mesmos foram feitas a partir da similaridade com o tema abordado na história e também na interação proporcionada por suas tecnologias gráficas.

Figura 5 - Livro Diversidade, Tatiana Belinky, 2013



Fonte: Acervo pessoal.

Livro: Diversidade/Tatiana Belinky

Formato: O livro possui as dimensões de 20 x 20 cm, quadrado.

Interatividade: Não possui.

Papel Capa: Papel cartão, 220g/m²

Papel miolo: Sulfite, 150g/m²

Tipografia:

A fonte escolhida não possui serifa. O livro inteiro usa apenas um tipo de fonte no corpo do texto, caixa alta e baixa, com textos curtos. Não possui caracteres que possam causar confusão na leitura da criança. A tipografia é mais ou menos adequada, pois utiliza alguns dos requisitos para legibilidade para crianças, mas não segue todos a risca, por exemplo: utiliza-se de caixa baixa e alta, quando se poderia utilizar apenas caixa alta, faz uso de um fonte sem serifa, o que facilita na

leitura da criança, faz um uso de pouco texto, tornando assim um uso regular de tipografia.

Guarda:

Apresenta uma folha de guarda pobre, traz informações sobre, editora, autora e ilustrador, mas não acrescenta em nada com pistas na narrativa do livro.

Ergonomia:

O livro possui uma boa ergonomia. Levando em consideração seus poucos números de páginas e sua encadernação, é um livro que não é necessário segurá-lo para ler, a criança pode abrir este livro completamente e deixá-lo plano sob uma superfície,

Capa:

Traz informações com nome do livro, editora, escritora. As ilustrações têm relação com a história do miolo e o título antecipa o que vai ser discutido ao longo do livro.

Diagramação:

Neste livro utiliza-se uma diagramação associativa, ou seja: o texto e a imagem compartilha o mesmo espaço.

Encadernação:

Esse livro usa grampos em lombada canoa, esse tipo de encadernação não permite texto na lombada.

Cores:

O livro usa uma grande variedade de cores quentes e frias, tanto na capa quanto no miolo, com harmonias triádicas e com contraste, nesse caso a grande variedade de cores serve para reforçar o conceito de diversidade presente em todo o livro.

Ilustração:

O estilo de ilustração utilizado no livro é o cartunesco, traz personagens com expressões exageradas que tem uma forte relação com o texto que tem rimas engraçadas que passa o conceito de diversão para o livro ilustrado.

Figura 6 - Olívia tem dois papais, Márcia Leite, 2010



Fonte: Acervo pessoal.

Livro: Olívia tem dois papais/Marcia Leite

Formato: À francesa - 21 x 15,4cm

Qual a relação entre o formato e o intuito do projeto? A escolha do formato foi ideal?

O livro pode ser pego com uma mão quando fechado, mas durante a leitura precisa ser segurado por duas mãos. Não possui caráter imersivo, portanto a escolha do formato foi ideal para o intuito do projeto.

Interatividade: Não possui

Papel:

Capa: Papel cartão, 250g/m²

Miolo: Papel sulfite, 120g/m²

Tipografia:

Com ou sem serifa: Com serifa

Caixa alta, baixa ou baixa e alta: Baixa e alta

Possui ou não caracteres que podem causar confusão no entendimento da criança quando espelhados:

Possui. As letras “p” e “q” minúsculas poderiam ser facilmente confundidas por uma criança mais nova, mas, neste caso, não se enquadram nesse quesito, pois é um livro adequado ou para ser lido pelos pais ou para crianças maiores de 8 anos pelo fato de possuir 48 páginas, muito texto e poucas figuras.

Possui ou não apenas uma fonte no corpo do texto:

Possui apenas uma fonte em todo o corpo do texto.

A utilização da tipografia foi adequada?

A fonte utilizada pode causar um desconforto visual na leitura das crianças pelo fato de ser muito fina e serifada.

Guarda:

Nesse caso, a folha de guarda apresenta apenas o título do livro novamente, da mesma forma com que foi escrita na capa.

Capa:

Traz informações com nome da escritora, título do livro, nome da ilustradora e editora. As ilustrações têm relação com a história do miolo e o título antecipa o que vai ser discutido ao longo do livro.

Diagramação:

A diagramação é associativa, onde as imagens complementam o que está escrito no texto.

Encadernação:

O miolo é costura, a capa com o miolo é colado, e a encadernação é do tipo lombada quadrada.

Ergonomia:

Em questões ergonômicas, algumas características do livro deixam a desejar. Devido à forma com que sua encadernação foi feita, o livro se torna difícil e desconfortável de abrir e de ser mantido aberto. Em questões tipográficas, como já dito anteriormente, a espessura e formatação da fonte a torna pouco confortável de ser lida. Na parte de trás do livro há também uma pequena sinopse escrita em fonte preta e fundo vermelho, o que gera um desconforto visual muito grande pela falta de contraste.

Cores:

Temperatura - Quente e fria

Harmonia - Complementar e triádica

Com ou sem contraste - Médio

Qual a relação de significado das cores utilizadas com o contexto do livro analisado?

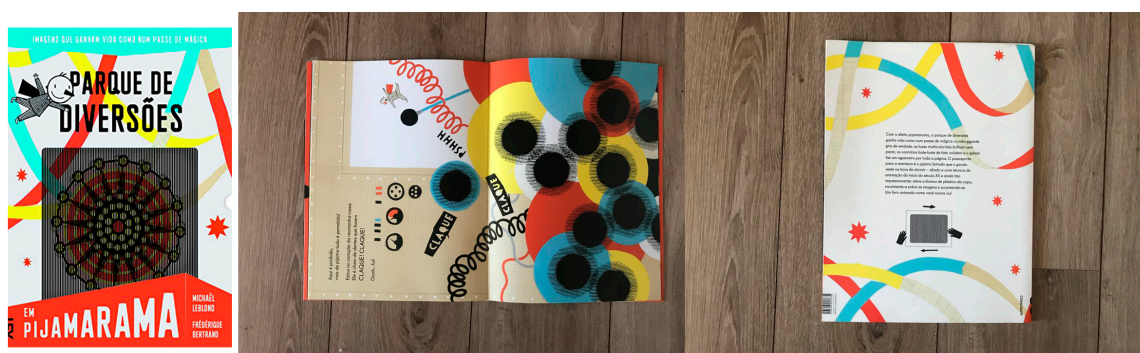
As cores da capa são complementares, com maior relevância na cor da parede, o vermelho, que pode remeter à felicidade da personagem. No interior do livro são mescladas cores quentes e frias, majoritariamente complementares e triádicas. Em

geral, as cores são muito vivas e a ilustradora segue uma mesma paleta ao decorrer do livro inteiro.

Ilustração:

De acordo com o estudo apresentado anteriormente, as ilustrações desse livro podem ser classificadas como ilustrações tradicionais.

Figura 7 - Parque de Diversões em Pijamarama, Michael Leblond, 2014



Fonte: Acervo pessoal.

Livro: Parque de Diversões - Pijamarama/Michaël Leblond

Formato: O livro possui as dimensões de 32 x 24,4 cm, “à francesa”

Qual a relação entre o formato e o intuito do projeto? A escolha do formato foi ideal? O livro tem uma proposta imersiva e rica para a criança. O recurso interativo utilizado (ombro-cinema) permite um formato maior, em página dupla e cumpre com êxito sua proposta: divertir e prender a atenção do público alvo.

Interatividade: Possui a interatividade do ombro-cinema, onde as ilustrações ganham movimento ao passar um acetato sobre as ilustrações.

Papel Capa: Papel cartão, 250g/m²

Papel miolo: couchê fosco 200g/ m²

Tipografia: A fonte escolhida foi a Fugue. O livro inteiro usa apenas um tipo de fonte no corpo do texto, caixa alta e baixa, com textos curtos. Não possui caracteres que possam causar confusão na leitura da criança.

A utilização da tipografia foi adequada?

Sim. A fonte é sem serifa, em corpo de texto grande e bem legível. Também utiliza caixa alta para as onomatopéias.

Guarda: não possui, o livro já começa com um texto introduzindo a história.

Capa: Traz informações com nome do livro, editora, escritora, e uma pequena descrição da sua interatividade. O livro traz uma moldura na capa com o acetato, e uma ilustração onde já se pode ter a ideia da interação que se vai ter no miolo do livro.

Diagramação: Neste livro utiliza-se uma diagramação conjuntiva, ou seja: o texto não se separa da imagem, e geralmente ocupa a página dupla.

Encadernação: Miolo preso por grampos, colado na capa e possui lombada quadrada.

Ergonomia: O livro possui uma boa ergonomia. Levando em consideração seus poucos números de páginas e sua encadernação, é um livro que não é necessário segurá-lo para ler, a criança pode abrir este livro completamente e deixá-lo plano sob uma superfície.

Cores: O livro usa cores primárias: vermelho, amarelo e azul. Cores quentes e frias, tanto na capa quanto no miolo, com harmonias triádicas e com alto contraste, nesse caso as cores primárias são as primeiras a serem percebidas pela criança em desenvolvimento, o principal público desse livro.

Ilustração: O estilo de ilustração utilizado no livro é tradicional.

Figura 8 - Meus dois pais, Walcyr Carrasco, 2010



Fonte: Acervo pessoal.

Livro: Meus dois pais/ Walcyr Carrasco

Formato: O livro possui as dimensões de 22 x 27,5 cm, formato “à francesa”

Interatividade: Não possui

Papel Capa: Papel cartão.

Papel miolo: Couchê fosco

Tipografia: Fonte sem serifa. O livro inteiro usa apenas um tipo de fonte no corpo do texto, caixa alta e baixa, com textos longos. Não possui caracteres que possam causar confusão na leitura da criança. O livro faz um uso adequado da tipografia.

Guarda: A folha de guarda traz informações com nome do escritor e título do livro, além de uma imagem de dois doces que fazem referências a alguns temas abordados na história.

Capa: Traz informações com nome do escritor, nome do livro, ilustrador e editora. O livro traz as personagens principais segurando na mão de duas pessoas trazendo indícios da história.

Diagramação: Na maioria das páginas deste livro utiliza-se uma diagramação dissociativa, ou seja: o texto se separa da imagem, e geralmente ocupa a página nobre, ou seja, a página da direita.

Encadernação: Miolo usa o tipo costura e o mesmo é colado na capa e possui lombada quadrada.

Ergonomia: O livro possui uma ergonomia ruim. Levando em consideração que é um livro grande e que é preciso segurá-lo com as duas mãos para se ler, possui muito texto que não condiz com a faixa etária que é indicado: 5 a 8 anos, utiliza-se caixa alta e baixa o que dificulta na leitura para crianças dessa idade.

Cores: O livro parece não ter uma paleta de cores específica. Usa cores quentes e frias, tanto na capa quanto no miolo, sem harmonia nenhuma, causando um certo desconforto para o leitor.

Ilustração: O estilo de ilustração utilizado no livro é o cartunesco.

Figura 9 - O livro com um buraco, Hever Tullet, 2014



Fonte: Acervo pessoal.

Livro: O livro com um buraco/Hever Tullet

Formato: À francesa - 32x27cm

Qual a relação entre o formato e o intuito do projeto? A escolha do formato foi ideal? Este é um livro extremamente imersivo. Apresenta um formato muito maior que o convencional e o intuito é utilizar a brincadeira como forma de aprendizagem.

Interatividade: O livro tem um grande buraco no meio e foi feito para que a criança interaja com esse buraco que há nele. Propõe várias brincadeiras, como a de colocar o rosto no buraco e se “tornar” outra pessoa, de jogar o lixo no lixo, de fazer o buraco como uma cesta de basquete, de colocar a mão no buraco e achar alguma coisa etc. Pelo fato de ter ilustrações monocromáticas também permite com que a criança pinte as ilustrações da forma com que desejarem. Foi feito para crianças de 3 a 10 anos.

Papel:

Capa: Papel cartão (gramatura não encontrada)

Miolo: Papel sulfite (gramatura não encontrada)

Tipografia:

Com ou sem serifa: Sem serifa

Caixa alta, baixa ou baixa e alta: Caixa alta

Possui ou não caracteres que podem causar confusão no entendimento da criança quando espelhados: Não possui.

Possui ou não apenas uma fonte no corpo do texto: Possui apenas uma fonte em todo o corpo do texto.

A utilização da tipografia foi adequada?

Sim. Por se tratar de um livro para novos leitores, a tipografia cumpriu muito bem seu papel. É toda em caixa alta, se parece um pouco com a letra cursiva em um tom divertido, é sem serifa e não dá margens para o erro quando espelhada.

Guarda:

A folha de guarda apresenta todas as informações da capa com uma ilustração (que aparece no miolo posteriormente) interagindo com o buraco.

Capa:

A capa traz informações com: nome do escritor, nome do livro, o buraco e uma ilustração em volta dele.

Diagramação: A diagramação é conjuntiva, onde textos e ilustrações se reúnem em um só, e nesse caso o texto diz para a criança o que ela deve fazer a cada página. As ilustrações sempre começam na página direita e terminam na página esquerda.

Encadernação:

A encadernação é tipo lombada quadrada. Não foram encontradas informações sobre o miolo.

Ergonomia:

De acordo com pesquisas de usuários nas lojas Online, o livro cumpre o seu papel interativo. É extremamente divertido para crianças, estimula a criatividade e instiga crianças a criarem sua própria história. Mas muitas reclamações foram feitas sobre o material da capa, que é muito mole, causa desconforto e estraga fácil por se tratar de um livro feito para ser manuseado o tempo todo por crianças.

Cores:

Temperatura: Possui cor quente na capa e cor fria no miolo.

Harmonia: Cor primária na capa e monocromáticas no miolo.

Com ou sem contraste: Alto

Qual a relação de significado das cores utilizadas com o contexto do livro analisado?

O livro é monocromático. Na capa é utilizado o vermelho, que juntamente com o buraco chamam muito a atenção do público alvo. No miolo são usadas apenas o preto e branco chapados, o que dá para a criança a oportunidade de pintar as ilustrações.

Ilustração:

As ilustrações podem ser consideradas minimalistas em seus traços.

4.12 Análise de personagens no livro *Molly's Family*

Com o intuito de compreender os aspectos e as carências em termos de design do livro de onde foi tirada a narrativa, fizemos também uma análise do mesmo. Nesse contexto, analisamos as ilustrações e a construção dos personagens, as cores e a relação entre texto e imagem. Com essa análise conseguimos entender melhor quais pontos do nosso livro deveriam ser diferentes para a obtenção do tipo de experiência que queríamos alcançar.

Figura 10 - Páginas do livro *Molly's Family*



Fonte: Acervo pessoal.

4.12.1 Ilustração e construção de personagens

O livro original *Molly's Family*, ilustrado por Sharon Wooding, segue uma linha deveras específica de ilustração. Sophie Van der Linden (2011, p. 39) o caracteriza como o estilo tradicional, definido pela autora como uma representação convencional, doce e harmoniosa da realidade, com a utilização de tons pastel e luminosos. Seguindo essa linha, a ilustradora utiliza a técnica de aquarela mesclada com traços a lápis para dar forma ao seu desenho.

Sharon Wooding apresenta os personagens de uma forma extremamente genérica. Essa narrativa, em específico, apresenta muitos personagens diferentes, mas algo que fica explícito para o leitor é a falta de caracterização dos personagens, não só na representação física, mas também na configuração do figurino. Todos os personagens se parecem muito, o que acaba tirando sua personalidade, e também confundindo um pouco o leitor.

4.12.2 Cores

Temperatura - Fria

Harmonia - Meio-complementares

Com ou sem contraste - Baixo contraste

Qual a relação de significado das cores utilizadas com o contexto do livro analisado?

Nesse livro é utilizado uma paleta cromática predominantemente fria, com quase nenhum contraste, essa paleta varia de acordo com o ambiente, já que na história possui vários cenários e objetos. Não existe saturação em nenhuma cor o que dificulta no destaque de objetos e personagens nas ilustrações. O tom pastel, apesar de ser uma característica do estilo tradicional, pode não ter sido uma boa opção, pois as cores utilizadas parecem não ser muito atrativas, principalmente para crianças, pois a paleta escolhida não tem contraste e nem presença de cores vibrantes e que denotam alegria, elementos estes que têm mais probabilidade de chamar a atenção de uma criança para o livro. Por se tratar de um livro sobre diversidade, a caracterização dos personagens e a escolha de cores se apresenta meio contraditória, pois carece de diversidade em ambos.

Segundo Dondis (1997, p.61),

A cor saturada é simples, quase primitiva, e foi sempre a preferida pelos artistas populares e pelas crianças. Não apresenta complicações, e é explícita e inequívoca; compõe-se dos matizes primários e secundários. Quanto mais intensa ou saturada for a coloração de um objeto ou acontecimento visual, mais carregado estará de expressão e emoção.

4.12.3 Relação entre texto e imagem

Encontra-se uma característica positiva para a educação infantil na relação entre texto e imagem. O livro dá maior ênfase às ilustrações, sendo que, elas aparecem primeiro, e sempre tomam o maior espaço da página, enquanto o texto sempre aparece na parte inferior da página e com menor destaque. Porém, em relação à história, texto e imagem se repetem e um sustenta o outro.

A mensagem veiculada pela instância secundária pode apenas repetir, em outra linguagem, a mensagem veiculada pela instância prioritária. A leitura da segunda mensagem, não traz então nenhuma informação suplementar, e o leitor tem a sensação de ler a mesma mensagem de outra maneira. Esse tipo de função induz uma relação de redundância. Longe de ser desinteressante, e para além do conforto de leitura que traz ao jovem leitor, a redundância permite instaurar um ritmo, um hábito de leitura que poderá, por exemplo, dar mais peso a um efeito de contradição. (VAN DER LINDEN, 2011, p. 123).

Como a autora cita, a função de repetição se torna extremamente importante para a fixação da informação na mente da criança. A ilustração, quando feita para reforçar a ideia abordada no texto, a princípio pode parecer maçante para um adulto, mas quando se trata de um público infantil essa pode ser uma abordagem bastante interessante e eficaz.

4.12.4 Conclusão de análise dos personagens de Molly's Family

Em um contexto geral, o *Molly's Family* é um livro que oferece uma narrativa forte e pertinente, porém, o conjunto (cores, ilustrações e personagens) carece de elementos que despertem o interesse da criança para a narrativa. Com base nisso, nossa função como designers desse projeto é oferecer à narrativa uma forma mais interessante, atrativa e focada no nosso público alvo de introduzir o assunto na vida do mesmo.

5 CONCLUSÃO DA ANÁLISE DE SIMILARES E DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Com a análise de similares pudemos entender mais sobre o que seria ideal para o desenvolvimento do livro ilustrado e sobre qual seria o ponto de partida para a resolução do projeto. A partir disso, encontramos alguns requisitos e definimos o que seria mais adequado para obter um resultado ideal e condizente com a nossa pesquisa. Juntamente a essas conclusões, neste capítulo, apresentamos também as soluções encontradas durante toda a pesquisa, e assim, o desenvolvimento e o resultado do projeto no que tange aspectos formais, funcionais e conceituais.

5.1 Formato

Sabendo da importância do formato na relação na qual a criança terá com o livro e com toda a fundamentação anteriormente feita, o livro possui 56x34cm aberto, pois a experiência que queremos proporcionar à criança deve ser imersiva, tátil e interativa.

O formato utilizado será o vertical, ou, como Van der Linden (2011) classifica, à francesa, que se justifica primeiramente pelo tamanho (uma criança teria dificuldades de manusear um livro de base maior que 60 cm aberto), mas também pelo fato de que esse é o formato mais comum nos livros ilustrados, tanto na afirmação de Van der Linden (2011), quanto nos nossos similares.

5.2 Interatividade

A análise de interatividades similares é um ponto extremamente importante do projeto. Foi assim que pudemos definir qual será o ponto alto da experiência do leitor e como se dará a interatividade utilizada no livro.

A partir dessa pesquisa, percebemos que o mais interessante para o nosso projeto seria uma mistura de interações, proporcionando uma gama de atividades da criança e dos pais com o livro. A primeira delas, na página 3 e 4 do livro é uma cartela de adesivos, onde a criança pode organizar os elementos da sala da forma em que ela achar melhor. A segunda interatividade acontece na parte da narrativa em que cada personagem fala que vai desenhar alguma coisa, e a personagem

principal, Beatriz, diz que vai desenhar sua família. Nessa interatividade deixamos um espaço propondo para que a criança desenhe sua própria família. Utilizamos do mesmo recurso na página 14 do livro, na parte em que a narrativa abre uma discussão sobre a existência de diferentes tipos de família. Utilizamos também o recurso do Pop-up na parte da narrativa onde a personagem principal chega e espia a sala. Fizemos então uma brincadeira de olhar pela fechadura através desse recurso interativo. Por último, é orientado duas brincadeiras que envolvem os pais e as crianças. O livro oferece duas partes da história onde a família pode colocar o rosto em um dos buracos e encenar o personagem, além disso é proposto que uma foto seja tirada e colada na outra página do livro, num espaço destinado a isso.

Esse tipo de interação é extremamente imersivo, divertido e consegue ganhar com facilidade a atenção da criança. Além disso, nossa escolha se baseia na premissa de que a criança e os pais poderão ter o sentimento de empatia a partir do momento em que colocam o rosto no livro, se pondo assim no lugar dos personagens. Daí se dará a experiência emocional do livro.

5.3 Papel

Nesse tópico é preciso definir dois tipos diferentes de papel: o da capa e o do miolo.

Apesar do livro referência *O livro com um buraco* - sendo ele o mais parecido em relação a formato e com uma similaridade na interação - possuir uma capa mole feita de papel cartão, a análise de ergonomia mostra que muitos usuários reclamam da durabilidade dessa capa, pois, por ser um livro feito para o manuseio da criança, uma capa mole, além de dificultar o manuseio, também estraga com muita facilidade. Corrigindo então esse tipo de erro, vemos a necessidade do uso de um papel de alta gramatura e que ofereça suporte para tal. O ideal seria a utilização de papel Panamá envolto em um papel Glossy ou Chouchê de gramatura igual ou superior a 220. Em relação ao miolo, os similares analisados ficam entre o papel sulfite e o couchê. O ideal para o projeto seria a utilização de um papel Sulfite de gramatura também igual ou superior a 220, para que a encadernação seja trabalhada de forma mais eficaz e que não permita o desgaste do papel dado a quantidade de vezes em que o livro será manuseado.

Por questões de orçamento, escolhemos utilizar para a capa papel Panamá envolto em Papel Sulfite 120 gramas e a mesma gramatura de papel sulfite para o miolo, não sendo essa a situação ideal, mas sim um protótipo que se encontra em uma situação mais perto do real possível.

5.4 Tipografia

Tirando por base todas as pesquisas sobre aplicação tipográfica focada na aprendizagem da criança, o livro possuirá apenas uma fonte, pois a exclusividade tipográfica ajuda a criança a se focar na leitura. A fonte deverá ser sem serifa, pois permite com que os caracteres sejam identificados com mais facilidade pela criança.

Em relação à caixa baixa ou alta, utilizamos a caixa baixa e alta por se tratar de um livro que contém uma narrativa relativamente extensa e abordar um público infantil já alfabetizado. Utilizamos a fonte Bw James regular tamanho 20 que cumpre os requisitos citados acima.

Figura 11- Fonte tipográfica Bw James Regular



Fonte: Acervo pessoal.

5.4.1 Fontes secundárias

Apesar de a fonte Bw James ter sido utilizada em todo o corpo do texto da narrativa, durante o desenvolvimento do projeto identificamos a necessidade da utilização de algumas fontes secundárias que conversassem mais com o traço das ilustrações para serem utilizadas nos textos de apoio. Escolhemos mais duas

fontes. Uma delas é a Kindergarten Medium, que é uma fonte que simula a letra de uma criança e que foi utilizada nos textos aplicados em ilustrações.

Figura 12 - Fonte tipográfica Kindergarten Medium

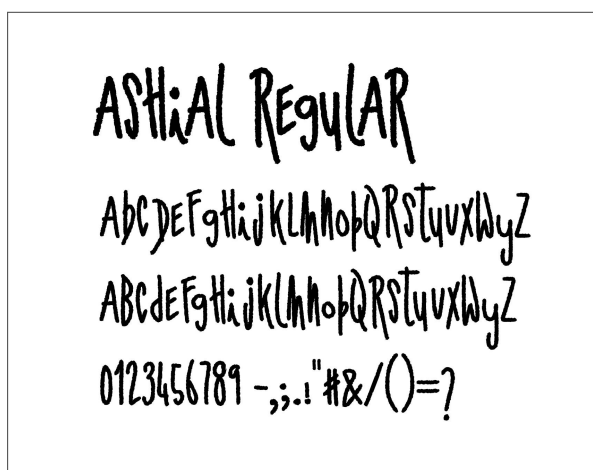


Fonte: Acervo pessoal.

A escolha desta tipografia se deu a partir da necessidade de um tipo que dialogasse mais com o estilo da ilustração, sendo que, a tipografia principal nesse caso não cumpriu essa função.

A terceira fonte escolhida é a Ashial Regular e foi utilizada apenas para o título da capa. Outra fonte que também dialoga com o estilo da ilustração, que por ser menos legível não poderia ser utilizada para os textos nas ilustrações, e que, no entanto, não interferiu na legibilidade e leiturabilidade apenas do título.

Figura 13 - Fonte tipográfica Ashial Regular



Fonte: Acervo pessoal.

5.5 Folha de guarda e Folha de rosto

Na folha de guarda optamos por trazer apenas o título do livro e na folha de rosto um elemento de ilustração com cores fortes com a intenção de introduzir a criança a atmosfera da história.

5.6 Capa

A capa será composta por: título, autor, ilustradores e deverá também apresentar o estilo da ilustração e inserir o público no contexto do livro.

5.7 Diagramação

Chegamos à conclusão que a diagramação mais adequada para o livro e a história será a conjuntiva, pois texto e imagem, nesse caso, devem ter a função de reforçar a ideia apresentada, além de ser também o mais adequado para o tipo de suporte escolhido.

5.8 Encadernação

A encadernação escolhida foi a Concertina, também conhecida como Leporello ou Sanfona. Waack (2015) explica que “este estilo de encadernação pode ser utilizado de muitas maneiras inteligentes. É tradicionalmente utilizado em livros pop-up e flaps (para que todos os mecanismos subjacentes e elementos colados sejam escondidos)”. Apesar de, na análise de encadernação não existir nem um similar ao que foi escolhido, consideramos este o mais ideal para o projeto por questões de formato, de interação e com a possibilidade que essa encadernação oferece de o livro permanecer completamente aberto sem nenhum auxílio.

5.9 Ergonomia

A análise de ergonomia nos trouxe vários resultados, principalmente em relação ao nosso tipo de interatividade, já listados nos tópicos acima. Por exemplo, o tipo de papel da capa, o tamanho e forma da tipografia ideal para as crianças com a idade do nosso público-alvo, o formato do livro; todos esses pontos, apesar de já tratados anteriormente, entram no tópico de ergonomia em relação ao conforto tanto na hora da leitura, quanto no manuseio do material.

5.10 Cores e ilustração

A pesquisa de cores foi feita para podermos entender e descobrir qual sentimento queremos passar para o nosso público alvo. Levando em consideração as pesquisas de como será a experiência do usuário e da relação da criança com as cores, optamos por utilizar em nossas ilustrações cores intensas e saturadas, compostas de matizes primárias e secundárias, pois são esses os tipos de cores que carregam o sentimento que queremos proporcionar na criança.

O estilo mais utilizado nos livros analisados foi o estilo tradicional, que em sua maioria é representado por tons pastéis, com traços mais harmoniosos e representações que se assemelha a realidade. Nesse projeto, utilizaremos também da ilustração tradicional, com traços harmoniosos e infantis, porém, de acordo com as pesquisas concluímos que o mais adequado para a experiência que queremos proporcionar será fugir das cores pastéis utilizar uma paleta de cores mais intensa e saturada, proporcionando assim um objeto que chame mais a atenção das crianças e que traga a diversão para a experiência do público-alvo.

A escolha do estilo da ilustração no livro infantil é uma parte importante no processo de criação e vai muito além da mera importância decorativa.

A ilustração, assim como o design da capa, é uma das ferramentas de marketing que uma editora de livros infantis emprega para aumentar suas chances em seu mercado altamente competitivo. A arte de um livro de figuras, tanto na capa quanto no interior, cria uma primeira e segunda impressão em um leitor e comprador em potencial e, portanto, é crucial para sua capacidade de venda. (HLADÍKOVÁ, 2014, p. 03, tradução nossa).

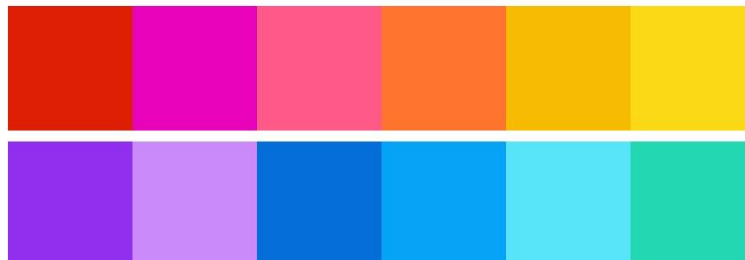
Seguindo a análise de similares decidimos utilizar o estilo de ilustração tradicional, porém usando cores mais vibrantes e fugindo dos tons pastéis que

comumente são utilizados nesse estilo. A decisão de usar uma paleta de cores mais rica e vibrante parte da ideia de representar a diversão e a diversidade e também de conseguir uma maior atenção da criança que está lendo o nosso livro.

O propósito máximo da cor é a criação de um humor. O humor pode ser desencadeado por diversas fontes. As cores muitas vezes transmitem a carga emocional da imagem, "como pinturas feitas em tons de cinza para expressar a tristeza/infelicidade". (LIES, 2013 apud HLADÍKOVÁ, 2014, p.11, tradução nossa).

Além disso, ainda na relação cores e diversidade, optamos por não utilizar cores tradicionais "de pele" nos personagens. Apesar de alguns personagens do livro possuírem a mesma cor, a ideia foi justamente não explicitar qual etnia cada personagem pode ter, não excluindo assim nenhuma possível etnia. A ideia de personagens possuindo cores não possíveis no nosso universo tem a intenção de não segregar e de deixar uma mensagem, mesmo que implícita de: todos têm uma cor diferente, e, ao menos nessa realidade, não há problema algum nisso.

Figura 14 - Paleta cromática de ilustrações



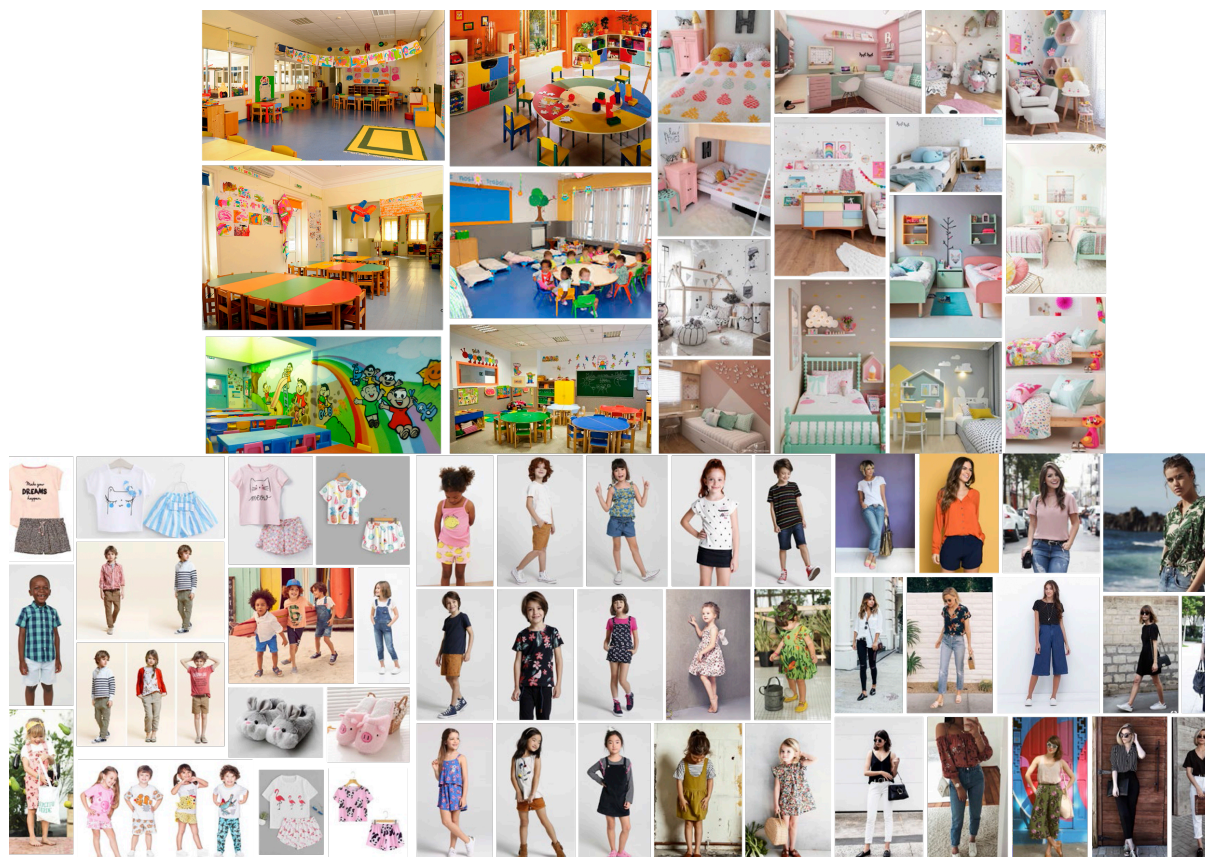
Fonte: Acervo pessoal.

5.11 Painel Semântico

Após a análise de similares e da análise de personagens do livro *Molly's Family*, traduzimos a narrativa para português, listamos os personagens principais e secundários que trabalhamos em nosso contexto, mudamos os nomes apresentados em inglês para nomes mais comuns no Brasil a fim de evitar que essa dissemelhança cause algum tipo de confusão na hora da leitura. Para a construção dos personagens, figurino e cenário, fizemos uma pesquisa de imagens e criamos 5

painéis semânticos que correspondem a quartos infantis, escolas primárias, crianças e adultos.

Figura 15 - Painel de referências técnicas



Fonte: Pinterest (2018).

5.12 Rascunho

Nesta etapa começamos a desenvolver os personagens principais e secundários da narrativa fazendo esboços no papel. Começamos a desenvolver o visual de cada personagem com base nos estudos do painel semântico, levando em consideração as roupas usadas por crianças e adultos no Brasil e a faixa etária do nosso público alvo. Fizemos também esboços de cenários que correspondem ao quarto e a escola da personagem. Depois de concluída a criação de personagens e cenários começamos a pensar nas cenas da narrativa e como ficaria a mancha gráfica do texto na página. Nessa parte notamos que havia alguns erros de continuidade ou na fluidez da ilustração narrada, voltamos para o papel e ajustamos esses erros.

Figura 16 - Exemplos dos rascunhos de desenvolvimento dos personagens



Fonte: Elaborado pelos autores (2018).

Figura 17 - Exemplos dos rascunhos de desenvolvimento dos personagens e cenário



Fonte: Elaborado pelos autores (2018).

Figura 18 - Exemplos de desenvolvimento dos personagens finais 1



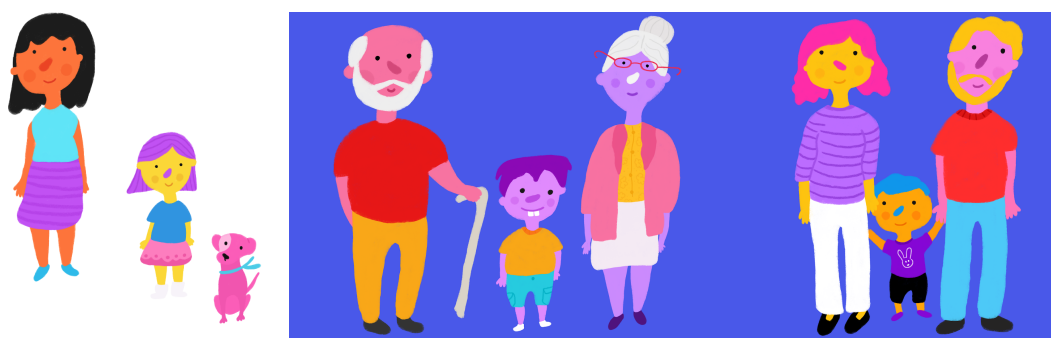
Fonte: Elaborado pelos autores (2018).

Figura 19 - Exemplos de desenvolvimento dos personagens finais 2



Fonte: Elaborado pelos autores (2018).

Figura 20 - Exemplos de desenvolvimento dos personagens secundários finalizados 3



Fonte: Elaborado pelos autores (2018).

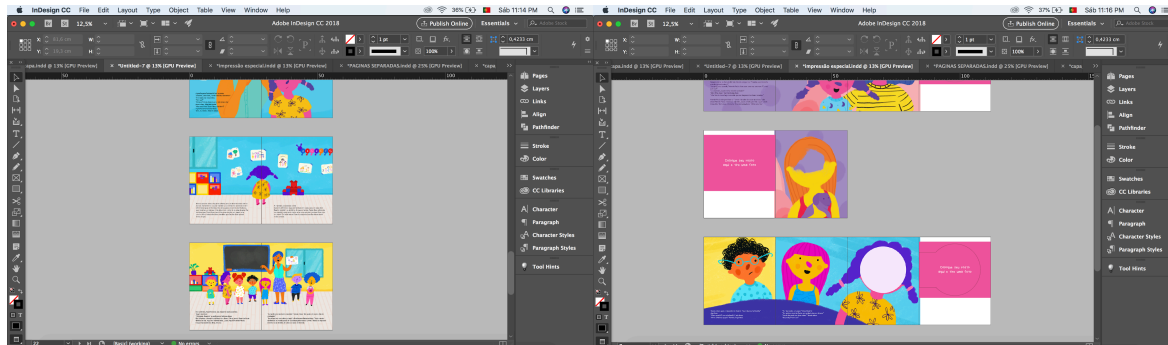
5.13 Técnica e Construção do Protótipo

A respeito da técnica utilizada para a ilustração, escolhemos trabalhar com a ilustração digital, feitas no programa Adobe Photoshop que é a área que temos mais afinidade.

Após a finalização do livro no Photoshop, importamos as ilustrações para o InDesign onde diagramamos toda a parte textual do livro. A análise de similares junto ao referencial teórico nos norteou na escolha da mesma, a imagem ocupando toda a página e a grid de uma coluna de texto na parte inferior da folha.

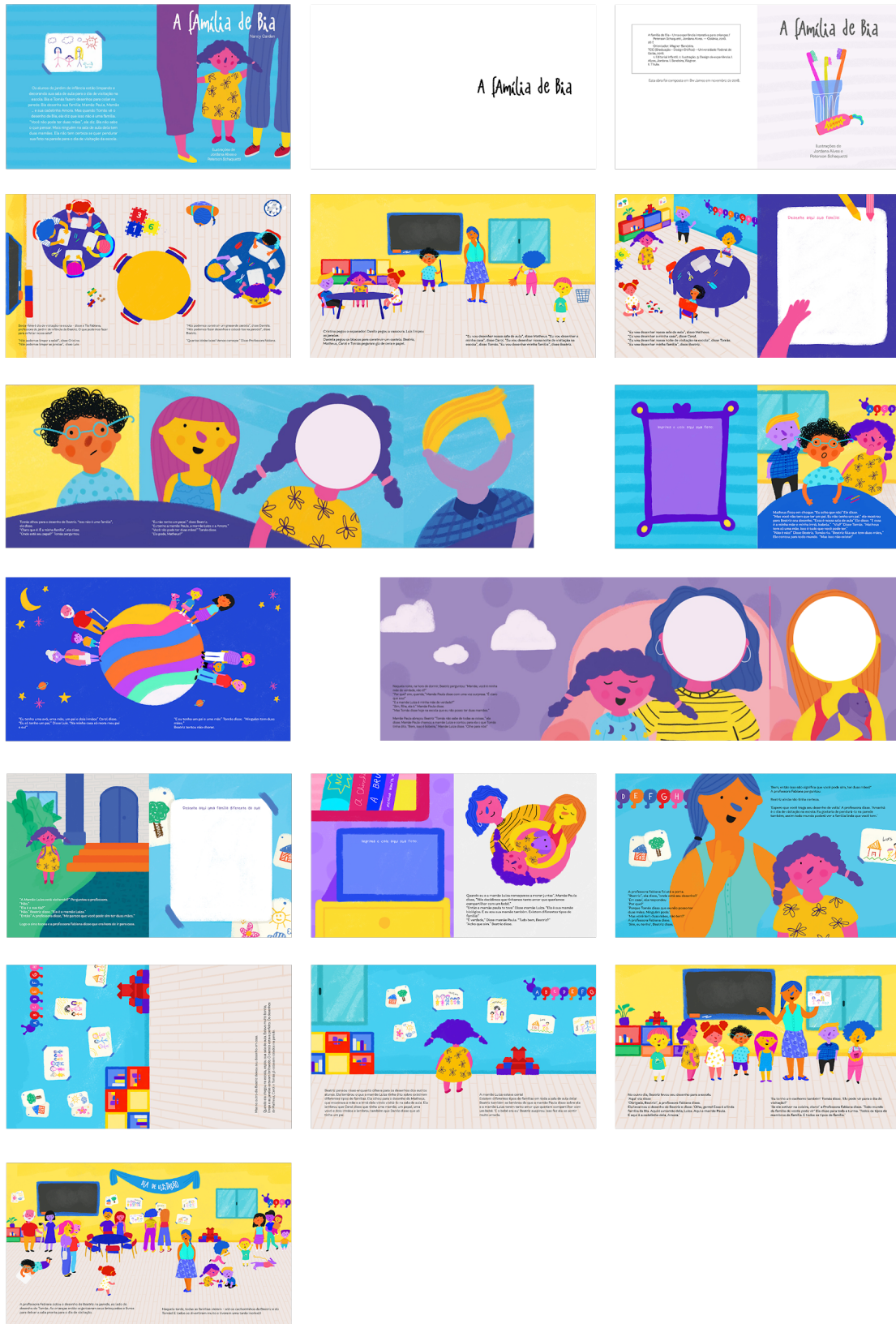
Construímos também um boneco para entender melhor a imposição de páginas do livro.

Figura 21 - Captura de tela imposição de páginas



Fonte: Elaborado pelos autores (2018).

Figura 22 - Páginas espelhadas do livro



Fonte: Elaborado pelos autores (2018).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o processo de pesquisa, esse projeto nos ajudou a entender melhor as raízes dos preconceitos de diversidade sexual que existem atualmente na nossa sociedade e a importância de se abordar esse tema com crianças, para que eles não cresçam com pensamentos hostis ou paradigmas errados, ou até mesmo sem entender o que acontece no mundo e em grupos nos quais elas não pertençam. Nos fez entender que a educação é a maior chave para a desconstrução de preconceitos e estereótipos, e que apenas desta forma conseguiremos adquirir um mundo mais justo e igualitário para todos.

Também nos fez compreender melhor a dificuldade de se criar algo para crianças, tendo mais atenção e delicadeza ao adentrar nesse universo, que apesar de trabalhoso nos trouxe bastante alegria, pelo fato de que obtivemos bons resultados e agora podemos compreender melhor esse processo.

Conseguimos alcançar os objetivos específicos e gerais propostos nos inícios do trabalho trazendo reflexão para a criança acerca da homofobia e dos diferentes tipos de família, e uma melhor compreensão acerca de outras realidades que a cerca, através de uma experiência mais rica com o livro interativo ilustrado infantil.

O livro poderia também vir a se desdobrar em uma coleção, com outros temas como: bullying, racismo, puberdade e sexualidade, proporcionando a diversão em forma de aprendizagem. O Design de Experiência, assunto no qual não tínhamos conhecimento, nos fez pensar muito além da criação de um produto, mas também como se dá os processos mentais e emocionais desde a compra até o término da utilização do produto. Aprendemos também a unir o ritmo e harmonia das ilustrações e conectá-las a narrativa, sabendo que a narrativa é uma das principais potências do editorial infantil.

O processo prático serviu para nos dar base na área de design editorial e também na produção gráfica, como o processo de montagem e impressão de um livro.

Este documento poderá servir de referência para outras pessoas que também farão trabalhos com temas similares ao nosso.

REFERÊNCIAS

ASSIS, M.B.A.C. Aspectos afetivos do desempenho escolar: alguns processos inconscientes. **Boletim da Associação Brasileira de Psicopedagogia**, São Paulo, n. 20, p. 35-48, 1990.

BORRILLO, D. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BUCCINI, M.; PADOVANI, S. Uma introdução ao design experiencial. **Estudos em Design**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 9-29, abr. 2006.

BUTTELMANN, D.; BÖHM, R. The ontogeny of the motivation that underlies in-group bias. **Psychological Science**, v. 25, n. 4, p. 921–927, 2014.

COITINHO FILHO, R. A. Sob o “melhor interesse”! O “homoafetivo” e a criança nos processos de adoção. **Revista Estudos Femininos**, Florianópolis, v. 25, n. 2, p. 495-518, maio 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/37551/34185>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. **Resolução n. 175**, de 14 de maio de 2013. Dispõe sobre a habilitação, celebração de casamento civil, ou de conversão de união estável em casamento, entre pessoas do mesmo sexo. Brasília, DF, 2018. Disponível em: <<http://www.cnj.jus.br/busca-atos-adm?documento=2504>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

CYBIS, W.; BETIOL, A. H.; FAUST, R. **Ergonomia e usabilidade**: conhecimentos, métodos e aplicações. 3. ed. São Paulo: Novatec, 2015.

DICIONÁRIO Infopédia de siglas e abreviaturas. Porto: Porto Editora, 2003. Disponível em: <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/siglas-abreviaturas/LGBTQI>>. Acesso em: 17 nov. 2018.

DONDIS, A. D. **Sintaxe da linguagem visual**. 2015. Disponível em: <<https://www.ebah.com.br/content/ABAAAhQGcAF/sintaxe-linguagem-visual-dondis?part=7>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

GARDEN, N. **Molly's family**. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2004.

GAVA, N. C.; JARDIM, M. B. Sexualidade infantil: uma releitura no cotidiano escolar. **Educação Pública**, 5. jan. 2016. Disponível em: <<http://educacaopublica.cederj.edu.br/revista/artigos/sexualidade-infantil-uma-releitura-no-cotidiano-escolar>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

GRUPO GAY DA BAHIA. **Relatório GGB**: 2017. 2018. Disponível em: <<https://grupogaydabahia.com.br/2018/01/18/brasil-campeao-mundial-de-crimes-lgbt-fobicos/>>. Acesso em: 17 nov. 2018.

FURLANI, J. **Educação sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

GÓES, M. C. R. de. A formação do indivíduo nas relações sociais: contribuições teóricas de Lev Vygotsky e Pierre Janet. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 21, n. 71, p. 116-131, jul. 2008.

HLADÍKOVÁ, H. Children's book illustrations: visual language of picture books. **CRIS: Bulletin of The Centre for Research and Interdisciplinary Study**, v. 2014, n. 1, 15 aug. 2014, p. 19-31. Disponível em: <<https://content.sciendo.com/view/journals/cris/2014/1/article-p19.xml>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

HEITLINGER, P. O monge da tipografia. **Cadernos de Tipografia e Design**, n. 12, p. 7-15, out. 2008.

HELLER, E. **Psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão**. São Paulo: Gustavo Gili, 2012.

KOEHLER, S. M. F. Homofobia, cultura e violências: a desinformação social. **Interacções**, Lisboa, v. 9, n. 26, p. 129-151, 2013. Disponível em: <<https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/3361>>. Acesso em: 16 abr. 2018.

KOEHLER, S. M. F.; SOUSA, A. M. V. Homofobia e educação em direitos humanos. In: EYNG, A. M. (Ed.). **Direitos humanos e violências nas escolas**. Curitiba: CRV, 2013, p. 147-172.

KUNIAVSKY, M. **Observing the user experience: a practitioner's guide to use research**. San Francisco: Morgan Kaufmann, 2003.

LOURENÇO, D. A. **Tipografia para livro de literatura infantil: desenvolvimento de um guia com recomendações tipográficas para designers**. 2011. 286 f. Dissertação (Mestrado em Design)-Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011. Disponível em: <<https://www.acervodigital.ufpr.br/handle/1884/26092>>. Acesso em: 14 jun. 2018.

MANSUR, M. E. do V. Diversidade sexual no espaço escolar sob o olhar de Michel Foucault. In: JORNADA DO HISTEDEBR, 11., 2013, Cascavel. **Anais...** Campinas: HISTEDEBR, 2013. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada11/artigos/11/artigo_simposio_11_787_betemansur@gmail.com.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2018.

MÁRSICO, M. A. de V. **O surgimento da encadernação e sua evolução através dos séculos**. 2010. Disponível em: <https://www.academia.edu/10897788/O_surgimento_da_encaderna%C3%A7%C3%A3o_e_sua_evolu%C3%A7%C3%A3o_atrav%C3%A9s_dos_s%C3%A9culos>. Acesso em: 14 jun. 2018.

MCCLOUD, S. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: M.Books, 2004.

MUNARI, B. **Das coisas nascem coisas**. Lisboa: Edições 70, 1981.

OLIVEIRA, V. B. de (Org.). **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos**. Petrópolis: Vozes, 2000.

PORTO, P. de C. P. Não na frente das crianças: diversidade de gêneros na literatura infantil. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO E SEXUALIDADE, 4., 2016, Vitória. **Anais...** Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2016. Disponível em: <http://www.gepsexualidades.com.br/resources/anais/6/1465093625_ARQUIVO_NAONAFRENTEDASCRIANCAS_DIVERSIDADEDEGENEROSNALITERATURAINFANTIL.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2018.

PORTO, P. de C. P.; GRAZIOLI, F. T. Não na frente das crianças: a diversidade de gênero na literatura infantil. **Professare**, Caçador/SC, v. 6, n. 3, p. 29-48, 2017.

RIBEIRO, M. S. D. **Do desenho à ilustração infantil**. 2011. 90 f. Dissertação (Mestrado em Desenho)-Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2011. Disponível em: <<http://repositorio.ul.pt/handle/10451/6343>>. Acesso em: 3 mai. 2018.

ROQUE, M. C. N. **A tipografia: uma ferramenta pedagógica para crianças do pré-escolar**. 2014. 147 f. Dissertação (Mestrado em Design)-Escola de Artes, Universidade de Évora, Évora, 2014. Disponível em: <<http://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/12056>>. Acesso em: 14 jun. 2018.

ROXIE, M. **O que é gênero queer?** 2013. Disponível em: <<https://we.riseup.net/assets/138108/O%20que%20%C3%A9%20g%C3%AAnero%20queer.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

SCHERMACH, A.; MORAES, R. A experiência do usuário e o livro digital. **Unoesc & Ciência - ACT**, Joaçaba, v. 4, n. 2, p. 243-252, jul./dez. 2013.

SCHMITT, B. **Marketing experimental**. São Paulo: Nobel, 2000.

SILVA, J. A. da; SOUSA, A. M. B. D.; FERNANDES-ELOI, J. Homoparentalidade no contexto da adoção e das práticas parentais: uma revisão sistemática. **Pensando Famílias**, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 60-75, dez. 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2017000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 17 nov. 2018.

SOUZA, E. M. de; PEREIRA, S. J. N. (Re)produção do heterossexismo e da heteronormatividade nas relações de trabalho: a discriminação de homossexuais por homossexuais. **Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, v. 14, n. 4, p. 76-105, jul./ago. 2013.

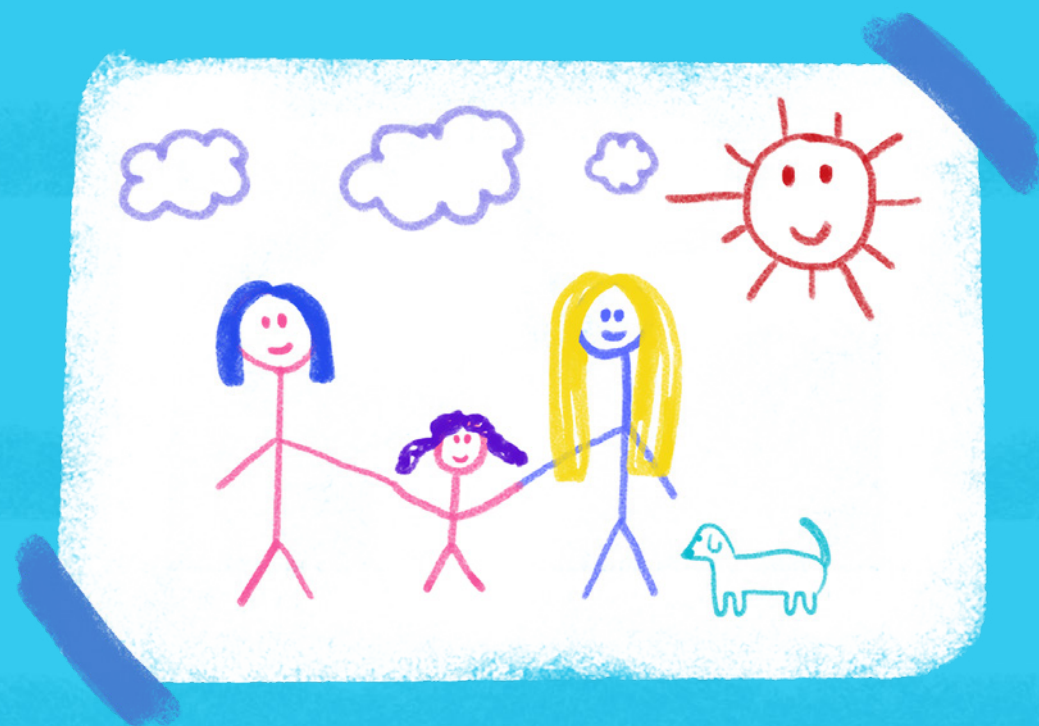
SPARGO, T. **Foucault e a teoria queer: seguido de Ágape e êxtase: orientações pós-seculares**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

STREY, M. N.; PIASON, A. da S.; JULIO, A. L. dos S. **Vida de mulher: gênero, sexualidade e etnia**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2011.

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. **Supremo reconhece união homoafetiva**. 2011. Disponível em: <<http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=178931>>. Acesso em: 04 abr. 2018.

VAN DER LINDEN, S. **Para ler o livro ilustrado**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

WAACK, L. **Técnicas de encadernação 1: concertina**. 2015. Disponível em: <<http://rusticosartesanal.blogspot.com/2015/04/tecnicas-de-encadernacao-1.html>>. Acesso em: 16 nov. 2018.



Os alunos do jardim de infância estão limpando e decorando sua sala de aula para o dia de visitação na escola. Bia e Tomás fazem desenhos para colar na parede. Bia desenha sua família: Mamãe Paula, Mamãe Luíza e sua cadelinha Amora. Mas quando Tomás v e o desenho de Bia, ele diz que isso não   uma família. “Voc e não pode ter duas mães”, ele diz. Bia não sabe o que pensar. Mais ninguém na sala de aula dela tem duas mam es. Ela não tem certeza se quer pendurar sua foto na parede para o dia de visitação da escola.

A família de Bia

Nancy Garden



Ilustra es de
Jordana Alves e
Peterson Schaquetti

A família de Bia - Uma experiência interativa para crianças /
Peterson Schaquetti, Jordana Alves. -- Goiânia, 2018.
28 f.

Orientador: Wagner Bandeira.
TCC (Graduação - Design Gráfico) --Universidade Federal de
Goiás, 2018.

1. Editorial Infantil. 2. Ilustração. 3. Design de experiência. I.
Alves, Jordana. I. Bandeira, Wagner.
II. Título.

Esta obra foi composta em Bw James em novembro de 2018.

A família de Bia



Ilustrações de
Jordana Alves e
Peterson Schaquetti

A família de Bia



Sexta-feira é dia de visitação na escola - disse a Tia Fabiana, professora do jardim de infância da Beatriz. O que podemos fazer para enfeitar nossa sala?

“Nós podemos limpar a sala!!”, disse Cristina.
“Nós podemos limpar as janelas”, disse Luís.

“Nós podemos construir um graaande castelo”, disse Daniela.

“Nós podemos fazer desenhos e colocá-los na parede!”, disse Beatriz.

“Quantas ideias boas! Vamos começar.” Disse Professora Fabiana.



Cristina pegou o espanador. Danilo pegou a vassoura.
Luis limpou as janelas.
Daniela pegou os blocos para construir um castelo. Beatriz,
Matheus, Carol e Tomás pegaram giz de cera e papel.

“Eu vou desenhar nossa sala de aula”, disse Matheus. “Eu vou desenhar a
minha casa”, disse Carol. “Eu vou desenhar nossa noite de visitaçao na
escola”, disse Tomás. “Eu vou desenhar minha família”, disse Beatriz.



Beatriz trabalhou duro no seu desenho. Primeiro, ela desenhou a Mamãe Paula. Depois, ela desenhou a Mamãe Luiza. E então, desenhou Amora, sua cadelinha. Para finalizar, desenhou uma grama verde e um grande sol amarelo.

“Terminei.” Ela disse.



Desenhe aqui sua família:

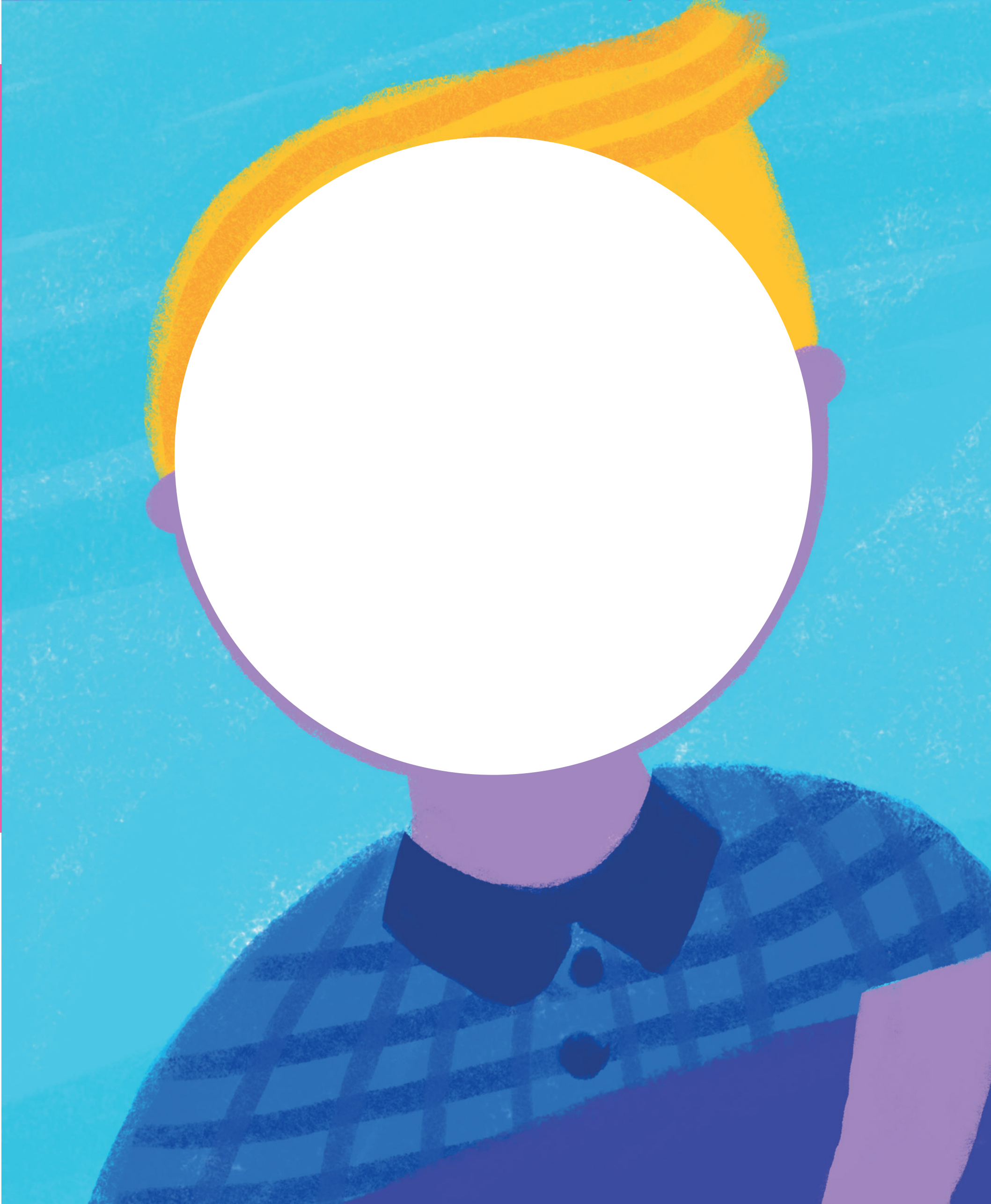


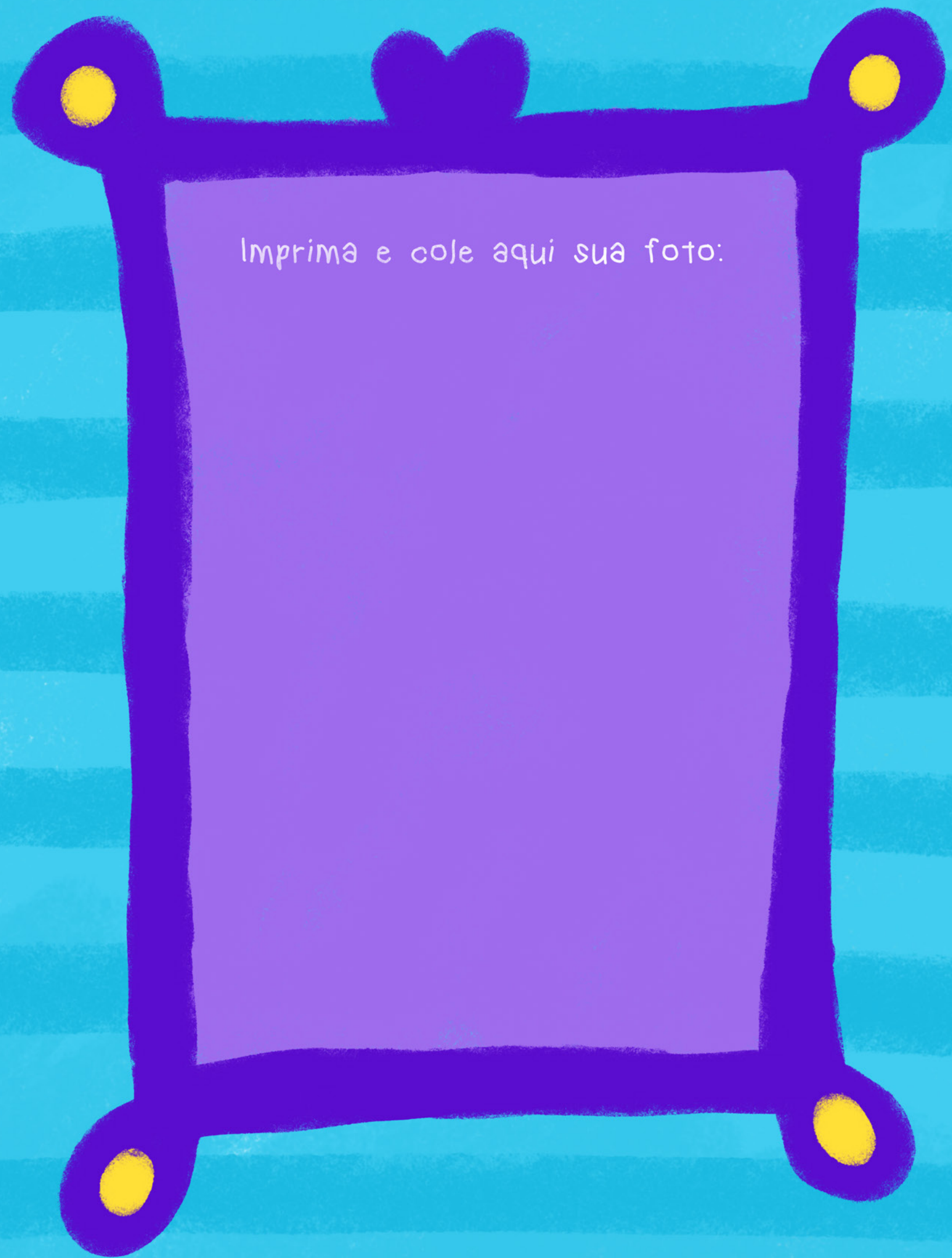
Coloque seu rosto
aqui e tire uma foto

Tomás olhou para o desenho de Beatriz. “Isso não é uma família”, ele disse.
“Claro que é! É a minha família”, ela disse.
“Onde está seu papai?” Tomás perguntou.

“Eu não tenho um papai.” disse Beatriz.
“Eu tenho a mamãe Paula, a mamãe Luiza e a Amora.”
“Você não pode ter duas mães!” Tomás disse.
“Ela pode, Matheus?”

Coloque seu rosto
aqui e tire uma foto





Matheus ficou em choque. “Eu acho que não” Ele disse. “Mas você não tem que ter um pai. Eu não tenho um pai.” ele mostrou para Beatriz seu desenho. “Essa é nossa sala de aula” Ele disse. “E essa é a minha mãe e minha irmã, Isabela.” “Viu?” Disse Tomás. “Matheus tem só uma mãe. Isso é tudo que você pode ter.” “Não é não!” Disse Beatriz. Tomás riu. “Beatriz fala que tem duas mães,” Ele contou para todo mundo. “Mas isso não existe!”



“Eu tenho uma avó, uma mãe, um pai e dois irmãos” Carol disse.
“Eu só tenho um pai,” Disse Luís. “Na minha casa só mora meu pai e eu!”

“E eu tenho um pai e uma mãe” Tomás disse. “Ninguém tem duas mães.”
Beatriz tentou não chorar.



“A Mamãe Luiza está visitando?” Perguntou a professora.

“Não.”

“Ela é a sua tia?”

“Não.” Beatriz disse. “Ela é a mamãe Luiza.”

“Então” A professora disse, “Me parece que você pode sim ter duas mães.”

Logo o sino tocou e a professora Fabiana disse que era hora de ir para casa.

Naquela noite, na hora de dormir, Beatriz perguntou: “Mamãe, você é minha mãe de verdade, não é?”

“Por que? sim, querida,” Mamãe Paula disse com uma voz surpresa. “É claro que sou!”

“E a mamãe Luiza é minha mãe de verdade?”

“Sim, filha, ela é.” Mamãe Paula disse.

“Mas Tomás disse hoje na escola que eu não posso ter duas mamães.”

Mamãe Paula abraçou Beatriz “Tomás não sabe de todas as coisas,” ela disse. Mamãe Paula chamou a mamãe Luiza e contou para ela o que Tomás tinha dito. “Bem, isso é bobeira,” Mamãe Luiza disse. “Olhe para nós!”



Coloque seu rosto
aqui e tire uma foto

Coloque seu rosto
aqui e tire uma foto



Imprima e cole aqui sua foto:



Quando eu e a mamãe Luiza começamos a morar juntas”, Mamãe Paula disse, “Nós decidimos que tínhamos tanto amor que queríamos compartilhar com um bebê.”

“Então a mamãe paula te teve” Disse mamãe Luiza. “Ela é sua mamãe biológica. E eu sou sua mamãe também. Existem diferentes tipos de família!”

“É verdade,” Disse mamãe Paula. “Tudo bem, Beatriz?”

“Acho que sim.” Beatriz disse.



Mas no outro dia Beatriz deixou seu desenho em casa.

Quando ela chegou na escola, espiou sua sala de aula. Estava muito bonita, limpa e as janelas estavam brilhando. O castelo estava perfeito. Os desenhos de Matheus, Carol e Tomás já estavam colados na parede.



"Bem, então isso não significa que você pode sim, ter duas mães?"
A professora Fabiana perguntou.

Beatriz ainda não tinha certeza.

"Espero que você traga seu desenho de volta" A professora disse. "Amanhã é o dia de visitação na escola. Eu gostaria de pendurá-lo na parede também, assim todo mundo poderá ver a família linda que você tem."

A professora Fabiana foi até a porta.
"Beatriz", ela disse, "onde está seu desenho?"
"Em casa", ela respondeu
"Por que?"
"Porque Tomás disse que eu não posso ter duas mães. Ninguém pode."
"Mas você tem duas mães, não tem?"
A professora Fabiana disse.
"Sim, eu tenho", Beatriz disse.



Beatriz pensou nisso enquanto olhava para os desenhos dos outros alunos. Ela lembrou o que a mamãe Luiza tinha dito sobre existirem diferentes tipos de famílias. Ela olhou para o desenho do Matheus, que mostrava a mãe e a irmã dele vindo visitá-lo na sala de aula. Ela lembrou que Carol disse que tinha uma mamãe, um papai, uma vovó e dois irmãos e lembrou também que Danilo disse que só tinha um pai.

A mamãe Luiza estava certa! Existem diferentes tipos de famílias em toda a sala de aula dela! Beatriz também se lembrou do que a mamãe Paula disse sobre ela e a mamãe Luiza terem tanto amor que queriam compartilhar com um bebê. "E o bebê era eu" Beatriz suspirou. Isso fez ela se sentir muito amada.



No outro dia, Beatriz levou seu desenho para a escola.
"Aqui" ela disse
"Obrigada, Beatriz!", a professora Fabiana disse.
Ela levantou o desenho de Beatriz e disse: "Olha, gente! Essa é a linda família da Bia. Aqui é a mamãe dela, Luiza. Aqui a mamãe Paula. E aqui é a cadelinha dela, Amora."

"Eu tenho um cachorro também" Tomás disse. "Ele pode vir para o dia de visitação?"
"Se ele estiver na coleira, claro!" a Professora Fabiana disse. "Todo mundo da família de vocês pode vir" Ela disse para toda a turma. "Todos os tipos de membros da família. E todos os tipos de família."



A professora Fabiana colou o desenho de Beatriz na parede, ao lado do desenho de Tomás. As crianças então organizaram seus brinquedos e livros para deixar a sala pronta para o dia de visitação.

Naquela tarde, todas as famílias vieram - até os cachorrinhos da Beatriz e do Tomás! E todos se divertiram muito e tiveram uma tarde incrível!